



UNIVERSIDADE  
CANDIDO MENDES

MESTRADO EM ECONOMIA E GESTÃO EMPRESARIAL

ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DAS  
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NA MODALIDADE A DISTÂNCIA NO  
BRASIL

Alírio Gomes da Silva Júnior

Rio de Janeiro  
Outubro/2017

UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa  
Mestrado em Economia e Gestão Empresarial

ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DAS  
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NA MODALIDADE A DISTÂNCIA NO  
BRASIL

Alírio Gomes da Silva Júnior

Dissertação apresentada ao curso de  
Mestrado em Economia e Gestão  
Empresarial da UCAM, como parte dos  
requisitos para a obtenção do título de  
Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Moraes

Rio de Janeiro  
Outubro/2017

Alírio Gomes da Silva Júnior

ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DAS  
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NA MODALIDADE A DISTÂNCIA NO  
BRASIL

Dissertação apresentada ao curso  
de Mestrado em Economia  
Empresarial da UCAM, como  
parte dos requisitos para a  
obtenção do título de Mestre.

Aprovado pela Banca Examinadora em 30/outubro/2017.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Moraes  
Universidade Cândido Mendes – UCAM/RJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Walcéa Barreto Alves  
Universidade Federal Fluminense – UFF / RJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Márcia Oliveira da Silva  
Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO / RJ

Rio de Janeiro  
Outubro/2017

## AGRADECIMENTOS

Ao longo desse tempo, quanta coisa aconteceu....

Minha mãe tem uma pequena dor de estômago, foi fazer uma simples consulta, é internada, operada e dias depois está em coma. Nesse mesmo período descubro que minha esposa está grávida de meu segundo filho, tem deslocamento ovular e necessita passar grande parte da gravidez em repouso absoluto....

Descubro, além disso, que meu pai além de maravilhoso é também um Herói, um Guerreiro, mesmo com todas as adversidades ele consegue ficar incansavelmente ao lado de minha mãe 24 horas por dia, resistindo a seus 8 meses e meio de coma, e a um pós coma que dura até hoje, a deixando com imobilidade, se alimentando por uma sonda, sem fala e necessitando de cuidados especiais (*home care*).

Cheguei a pensar em desistir, mas decidi seguir os conselhos de minha mãezinha, que mesmo calada e imóvel, me ensinava em silêncio que nunca devemos desistir em meio as adversidades da vida. Continuei e cheguei....

Não poderia concluir este estudo sem deixar de agradecer primeiramente a DEUS, que me mostrou a sua força nos momentos mais difíceis de minha vida, fortaleceu significativamente a minha fé e que me deu nesse período um anjinho de presente, meu filhote Eduardo, um bebê lindo e saudável.

Minha esposa Cíntia, que foi minha companheira de todas as horas, segurando todas as pontas da casa, aturando minha ansiedade e sempre me estimulando e me dando carinho e amor.

Minha princesinha Luiza, que se privou muitas vezes de minha companhia para brincar ou para passear, pois tinha que ler as centenas de artigos e resumos necessários e que nunca reclamou, ficava sentada do meu lado enquanto lia e escrevia no computador.

Minha querida irmã Aline, que me incentivou desde os tempos de menino a estudar e me serviu de exemplo, além de ter segurado sozinha muitas e grandes barras durante esse período conturbado, junto a meus pais.

Meu orientador, que teve a sensibilidade para perceber o período turbulento por que passei e que soube com grande inteligência me passar tranquilidade, calma e confiança para finalizar o trabalho.

Aos meus queridos mestres, que me ensinaram muito mais do que conhecimentos acadêmicos de economia e gestão, mas que souberam transmitir também conhecimentos de vida, de experiências que serão vitais pra meu futuro profissional.

Aos meus colegas de mestrado, muitos deles agora amigos, que me ajudaram nas disciplinas mais difíceis, me acompanhavam nos almoços das aulas de sábado e nas viagens de barca ou carona até Niterói. Em especial o parceiro Guilherme que me ajudou muito em Econometria e a amiga Polyana, que me deu a luz que faltava na minha leitura pra dissertação.

A todos os funcionários da Universidade, dos serventes ao Diretor, que sempre foram muito educados, e prestativos, procurando sempre atender as necessidades dos alunos.

Finalmente a todos aqueles que posso ter deixado de citar, mas que de forma direta ou indireta, contribuíram para mais essa etapa de minha vida, **MUITO OBRIGADO**.

## SUMÁRIO

ABSTRACT .....	8
1. INTRODUÇÃO .....	9
1.1. A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	10
1.2. JUSTIFICATIVA .....	11
1.3. A CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA .....	12
1.4. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS.....	14
1.4.1. OBJETIVO GERAL .....	14
1.4.2. OBJETIVO ESPECÍFICO .....	14
2 . METODOLOGIA .....	15
3. O ATUAL CENÁRIO BRASILEIRO E O EAD .....	19
3.1 SÍNTESE HISTÓRICA DO EAD .....	24
3.1.1 NO CONTEXTO MUNDIAL .....	24
3.1.2. NO BRASIL .....	26
3.2 . O CRESCIMENTO DO EAD NO BRASIL.....	31
4. USO DE TECNOLOGIAS NO ENSINO: PRECONCEITO OU CONFLITO DE GERAÇÕES?.....	35
4.1. REVISÃO DA LITERATURA .....	38
4.2. A AVALIAÇÃO E OS INSTRUMENTOS DE MENSURAÇÃO EXISTENTES.....	48
4.2.1. O ENADE .....	51
5 . RESPOSTAS DA PESQUISA .....	53
5.1. ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	64
5.2 . CONCLUSÃO .....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	68
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR .....	69

## **RESUMO**

A educação a distância no Brasil, apesar do contínuo crescimento, possui sérios problemas de eficiência e abrangência. Mesmo com todo o desenvolvimento tecnológico e de sua expansão, existe ainda a necessidade eminente do desenvolvimento de instrumentos mais adequados e específicos para avaliação e a acreditação dos cursos à distância. Essa mensuração é essencial para a melhoria contínua da qualidade da EAD e por consequência para a melhoria da qualidade de ensino de nosso país. Os órgãos governamentais ligados à educação fazem uma análise minuciosa do sistema educacional brasileiro, em relação ao “que fazem” e ao “como fazem”, como por exemplo em relação ao ensino médio, com o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e a avaliação dos cursos de pós graduação da CAPES. Já nos cursos de graduação, percebe-se que existe uma lacuna não devidamente preenchida pelo ENADE, em relação aos cursos à distância, uma vez que estes não possuem um sistema específico de mensuração de sua qualidade e mesmo sendo bastante diferenciados da modalidade presencial possuem o mesmo instrumento de mensuração. O presente estudo visa analisar a eficácia dos instrumentos de mensuração da qualidade das instituições de ensino superior na modalidade à distância, a partir do relato dos profissionais envolvidos (Diretores, coordenadores e professores) e propor sugestões para o desenvolvimento de novos instrumentos específicos para essa modalidade de ensino.

**Palavras-chave:** EAD. Qualidade. Educação.

## **ABSTRACT**

Despite the continuous growth, distance education in Brazil has serious problems of efficiency and comprehensiveness. Even though technological expansion and development, it's necessary to develop more adequate and specific instruments for evaluation and accreditation of distance learning courses. This evaluation is essential for the continuous improvement of E-learning quality and consequently to quality improvement of teaching in our country. Educational Government Agencies made detailed analysis of the Brazilian educational system. In this analysis, the relation between high school and National High School Exam or CAPES evaluation of Graduation courses was investigated to give information related of "what do they do" and "how do they do it". Distance college courses do not have specific system to quality measuring and although they are quite different from the presential modality both uses ENADE to do measure quality. The purpose of this study is to analyze the effectiveness of the instruments of quality measure of distance modality universities based on reports of professionals involved (Directors, coordinators and teachers) and propose suggestions to the development of new specific instruments for this modality education.

**Keywords:** EAD. Quality. Education.



## 1. INTRODUÇÃO

Vivemos nos tempos contemporâneos muitos desafios à sociedade e a educação. Numa sociedade globalizada e informatizada, a cada dia se ressignificam os conhecimentos, os conceitos e os processos. Em face destas atualizações das diversas técnicas e tecnologias aplicadas à educação e ao ensino, avanços significativos surgiram, fazendo com que novas abordagens educacionais desponham velozmente no cenário global. Visto isso, tornam-se necessários estudos e análises que contribuam para o bom aproveitamento das técnicas, recursos e tecnologias oferecidas ao ensino, visando com isso o aperfeiçoamento das diversas formas de ensinar e aprender.

Buscando fortalecer o hífen ensino-aprendizagem, é necessário fazer um acompanhamento das novas tecnologias e técnicas de aprendizagem, bem como de seus significativos recursos. Esses fundamentos e técnicas evoluíram muito e dentre eles destaco a Educação à Distância (EAD), que há algumas décadas tão criticada, hoje já é uma realidade, e isso requer de nós uma reflexão sobre o aspecto qualitativo desses cursos.

Por não existir uma supervisão e uma fiscalização eficiente por parte dos órgãos públicos, é necessária uma melhor avaliação sobre a qualidade desse modelo de ensino, que tende a continuar a crescer nessa nova era. A análise das instituições que oferecem tais cursos é fundamental.

Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, temos a seguinte pergunta: Os indicadores de qualidade das instituições de ensino superior existentes no Brasil, na modalidade à distância estão adequados?

Para buscar responder a essa pergunta, inicialmente serão feitas entrevistas com profissionais envolvidos e, em seguida, os dados serão recolhidos e sistematizados, para que finalmente seja feita uma análise qualitativa dos resultados obtidos.

## **1.1. A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO**

Esta dissertação encontra-se estruturada em cinco capítulos, incluindo esta introdução. Nesta organização busca-se subdividir o assunto em tópicos, a fim de tornar a leitura mais agradável ao leitor, bem como facilitar a busca por tópicos específicos.

No capítulo 2, descrevemos a metodologia da pesquisa, transcrevemos as perguntas feitas aos participantes do estudo, bem como as respostas mais relevantes.

No capítulo 3 são feitas considerações sobre o cenário atual brasileiro e o EAD, buscando melhor inserir o leitor ao momento político e econômico em que vivemos. Desenvolvemos uma síntese histórica do EAD, abordando um pouco do contexto internacional e posteriormente no Brasil e mostramos o crescimento do EAD no Brasil ao longo dos anos.

No capítulo 4, é feito um questionamento sobre o uso de tecnologias no ensino, fazendo uma discussão sobre o conflito de gerações e o preconceito que envolve a modalidade à distância. É feita a revisão da literatura pertinente ao tema proposto, e discute-se a importância da avaliação e dos indicadores do EAD.

No capítulo 5 é feita uma análise das respostas dadas pelos profissionais ouvidos no estudo e formulam-se as conclusões do presente estudo e identificam-se ainda as oportunidades para estudos futuros.

## 1.2. JUSTIFICATIVA

Estamos vivendo em uma sociedade que passa por constantes mudanças e transformações. O acesso à informação é cada vez mais rápido. O estudante de hoje, quando chega à Universidade, busca utilizar nela as ferramentas tecnológicas disponíveis em seu dia a dia, tais como ipod's, tablet's, mp3, entre outros. Esses estudantes querem ser ouvidos, trocar experiências, deixar de ser meros expectadores para serem membros ativos do processo. O problema é que tanto o professor quanto a Universidade, de um modo geral, não conseguem se enquadrar nesse novo processo. Sair do modelo convencional de educação, quebrar paradigmas, descentralizar o saber, que sempre foi visto por muito tempo como exclusivo do professor é um desafio para professores e gestores. Ambos enxergam a necessidade de inovação, de mudança, mas simplesmente na hora da execução, a maior parte deles não consegue. Hoje o papel do professor deixou de ser o de centralizador do saber e passou a ser de mediador. Como descreve Laguna (2012): “O professor precisa assumir o papel de mediador e ajudar o aluno na construção do conhecimento”.

A Universidade precisa romper com esse modelo engessado de estrutura física, que aprisiona o aluno numa sala de aula. Pensar na quantidade de aulas como problema é um equívoco. O que é necessário é melhorar a qualidade dela. Segundo Iara Caierão, Presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia, temos que trabalhar em rede, substituir a queixa e a lamentação por ação (Laguna, 2012).

Considerando as diversas transformações que vêm ocorrendo na sociedade, o modelo de Universidade atual tende a mudar significativamente. Antigamente, o que caracterizava uma boa instituição eram suas instalações: salas de aula, laboratórios, biblioteca, complexo esportivo, além de um bom projeto pedagógico e de uma boa equipe docente, composta de Mestres e Doutores. Há alguns anos mais a frente, além dos itens destacados, passou a

ser referência para uma boa instituição de ensino a tecnologia. Instituições que não possuem investimentos em tecnologias não são configuradas entre as melhores. Por fim, nos dias atuais, temos também aliado a tudo isso, os índices de aprovação no ENADE, instrumento utilizado para mensurar a qualidade das instituições de ensino superior no país.

Somos responsáveis pela formação de nossos estudantes e precisamos como tal, ser um instrumento de transformação para a construção de um mundo melhor. Temos que pensar no futuro das novas gerações, que já se utilizam de novas tecnologias digitais e que devem ser preparados adequadamente para o futuro mercado de trabalho. A função da Universidade não é só com o cumprimento dos conteúdos, mas também em formar indivíduos preparados para exercer uma cidadania crítica e estarem aptos a exercer qualquer atividade profissional no tão concorrido mercado de trabalho.

### **1.3. A CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA**

Frente às inúmeras mudanças que vem acontecendo no cenário atual, principalmente no que se refere ao conflito de gerações, ter apenas bons índices de aproveitamento em algumas provas não significa boa qualidade de ensino. O papel da avaliação da qualidade hoje ganha uma dimensão muito mais significativa, uma vez que com o advento das tecnologias, o processo educativo não se resume a apenas à assimilação do conteúdo, mas também no saber utilizá-lo.

As potencialidades educativas das redes informáticas obrigam a repensar muito seriamente a dimensão individual e coletiva dos processos de ensino-aprendizagem, os ritmos ou tempos de aprendizagem, as novas formas de estruturar a informação para a construção de conhecimento, as tarefas e as capacidades de professores e alunos (Sancho e Hernandez, 2000).

De nada adianta recursos tecnológicos, sem que a instituição, como um todo, tenha esses mesmos recursos como instrumentos de facilitação do trabalho docente. Segundo Sancho (2006), não basta apenas instalar máquinas e softwares nas instituições de ensino, há de se fazer uma reflexão sobre como podemos utilizar tais ferramentas para fins educacionais. É necessário mudar, inovar, criar estratégias novas e ter um novo olhar em relação ao atual processo de ensino aprendizagem.

Não basta apenas a instituição fazer com que o professor utilize os recursos tecnológicos, mas sim fazer com que esses recursos sejam utilizados como ferramentas para a construção de um aluno mais crítico, criativo e participativo.

Como melhorar a qualidade do trabalho docente?

As conhecidas reuniões de formação continuada, ou chamadas também de reuniões de capacitação, praticadas em diversas instituições de ensino superior, ao final de cada semestre, são alternativas que vêm sendo adotadas por muitas delas. Porém, quando se trata de novas tecnologias, constata-se que esse tempo é insuficiente. Com isso, o profissional docente recebe um conhecimento muito superficial do processo e, na maioria das vezes, não o pratica de forma adequada em sala de aula. Em observações feitas em diversas instituições ao longo desse estudo, percebe-se claramente que a maioria dos professores não sabe sequer como utilizar adequadamente um *Power Point*. Sua utilização se restringe ao uso mecânico da máquina (projektor), sem, contudo, utilizar de forma adequada seus diversos recursos e efeitos. Sua utilização se restringe a textos corridos, onde o professor simplesmente o lê em sua apresentação. Faz-se do *Power Point* um retro-projetor mais moderno, o que na prática mostra a total inabilidade no uso dessa ferramenta para o processo de ensino aprendizagem.

Conforme Antunes (2008), por mais bem preparado que seja o professor, não podemos ignorar que se vive em um mundo de aceleradas mudanças e que a globalização dos conhecimentos impõe uma consciência de

atualização e estudos permanentes, além de uma busca de conhecimentos sobre sistemas educacionais e suas práticas.

## **1.4. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS**

### **1.4.1. Objetivo Geral**

O objetivo da pesquisa é conhecer os instrumentos de avaliação da qualidade do ensino na educação superior do Brasil, em especial na modalidade a distância, buscando identificar seus pontos fortes e fracos, e verificar se estes instrumentos proporcionam efetivamente condições para mensurar a qualidade dessas instituições.

### **1.4.2. Objetivos específicos**

- ✓ Discutir a relevância da avaliação da qualidade das instituições de ensino superior no Brasil, tanto na modalidade presencial quanto na modalidade à distância;
- ✓ Identificar os princípios segundo os quais um instrumento de avaliação de qualidade do ensino deve ser concebido e os aspectos que vêm sendo considerados para analisar os instrumentos existentes;
- ✓ Identificar os instrumentos e modelos de avaliação de qualidade das instituições de ensino superior adotados no Brasil

## 2 . METODOLOGIA

Esta pesquisa busca verificar como é avaliada a qualidade das instituições de ensino superior no Brasil, tanto na modalidade presencial quanto na modalidade a distância e se justifica, conforme W. Edwards Deming (1900-1993), pioneiro no estudo do controle de qualidade, para compreender e avaliar o progresso ou retrocesso deste setor, que envolve milhares de estudantes que moram longe dos centros urbanos, que precisam de maior flexibilidade com relação aos dias e horários de estudo e que buscam ao utilizar dessa modalidade de ensino, expandir seus horizontes pessoais e profissionais. É certo que o EAD tem ainda muito a crescer, principalmente em relação a novas metodologias e tecnologias de ensino, por essa razão, espera-se que os resultados apontados neste trabalho de pesquisa possam contribuir para esse crescimento e apontar caminhos para uma melhor análise do setor. Ela visa colocar à disposição dos interessados informações relevantes sobre o ensino superior no Brasil. As pessoas envolvidas nesta pesquisa participaram de forma voluntária e suas análises e considerações apresentam uma visão prática e atuante da realidade do ensino superior, visto que todos são profissionais que atuam efetivamente na área, nas duas modalidades.

Conforme o Censo da Educação a Distância (2015) o EAD está presente em todo o país, nas capitais e nas regiões interioranas, com instituições de todas as regiões e estados do país (observa -se uma concentração de 42% de instituições com sede no Sudeste, com destaque para São Paulo, com 22%). Os cursos são oferecidos em todos os níveis e áreas de conhecimento, com 608 ofertas de cursos regulamentados totalmente a distância. As instituições formadoras contam, em média, com 1.000 a 4.999 alunos, podendo ter menos de 100 e mais de 500.000. O EAD exige inovação tecnológica e administrativa, infra-estrutura tecnológica e de apoio ao aluno em níveis mais elevados quando em comparação à modalidade educacional

presencial. Atualmente 53% são mulheres e 49,78% têm entre 31 e 40 anos. A maioria das matrículas encontra-se em cursos totalmente a distância, com 148.222 alunos matriculados em licenciaturas.

Nesse cenário, buscou-se desenvolver uma metodologia de pesquisa classificada em dois pilares: quanto a abordagem e quanto aos objetivos, conforme descrição a seguir:

Quanto à abordagem, foi desenvolvida uma **PESQUISA QUALITATIVA**, visto que não houve preocupação com a representatividade numérica. Foi considerado como representativo o aprofundamento da compreensão e organização do tema proposto, sem quantificação de valores, objetivando produzir informações ilustrativas e aprofundadas que sejam capazes de prover novas informações. Segundo Minayo (2001), esse tipo de pesquisa corresponde a um espaço mais profundo dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis e se caracteriza por objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar e também na busca de resultados os mais fidedignos possíveis;

Segundo Flick (2004), diferentemente da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa considera a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de encará-la como uma variável a inferir no processo. É parte do processo de pesquisa a subjetividade do pesquisador, bem como dos demais elementos que estão sendo estudados. Segundo ele, a pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos e suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais.

Quanto aos objetivos, a pesquisa pode ser classificada em **PESQUISA EXPLORATÓRIA**, pois tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Nesse sentido, a pesquisa envolveu pesquisa bibliográfica, constituída de leitura, seleção e organização dos tópicos sobre o assunto, pesquisa de informações sobre o setor de ensino superior no Brasil, utilizando artigos

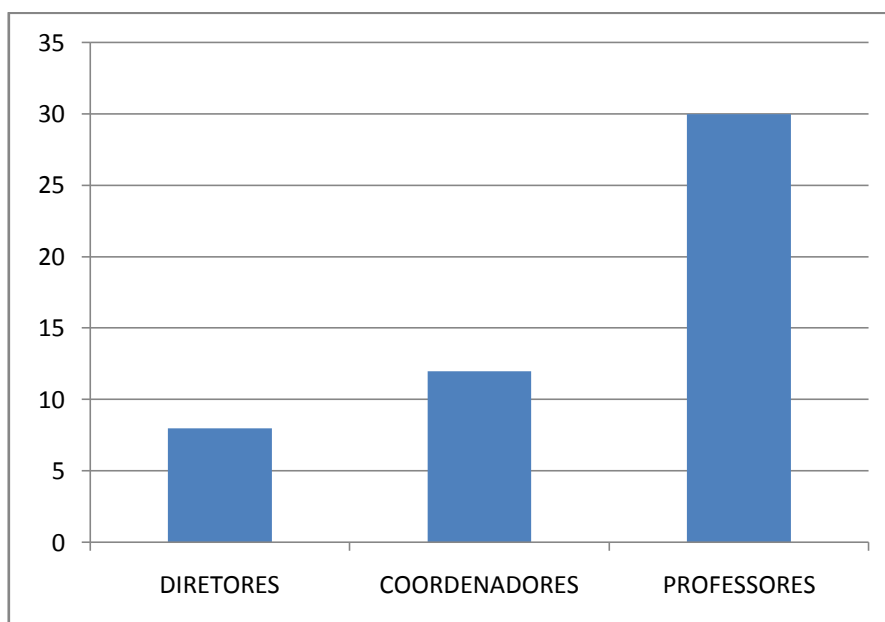


acadêmicos publicados em congressos, dados relevantes encontrados em sites de instituições governamentais e de associações privadas de ensino superior, livros e artigos publicados por instituições governamentais como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e o Ministério da Educação (MEC) e entrevistas com profissionais envolvidos no assunto.

Buscou-se ao longo do tempo destinado a essa pesquisa, conhecer a opinião de profissionais atuantes no ensino superior, tanto na modalidade presencial quanto no EAD, como tutores e professores. Também ouvimos a opinião dos gestores de instituições de ensino superior que atuam nessas modalidades de ensino, que de forma voluntária aceitaram participar desse estudo. Foi utilizado como critério para a participação, Instituições de nível superior credenciadas pelo Sistema Nacional de Educação – Ministério da Educação (MEC) e Conselho Nacional de Educação (CNE). A seleção de instituições contatadas para participar da pesquisa foi feita pela organização por meio de um levantamento das diversas entidades que atuam na modalidade a distância com base na relação das instituições de ensino credenciadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) para ministrar cursos de EAD nos níveis de graduação e pós-graduação. Buscou-se abranger também instituições que atuam com pólos de EAD na maioria dos estados do país, a fim de termos uma análise mais abrangente e confiável. As instituições foram: **Estácio Participações S/A**, uma das maiores organizações privadas de ensino superior do Brasil em número de alunos matriculados e que encerrou o ano de 2014 com 437.400 alunos no ensino superior presencial e a distância, a **KROTON Educacional S/A**, que é hoje a maior organização educacional privada do Brasil e que encerrou o ano de 2014 com 986.827 alunos no Ensino Superior Presencial e a Distância, além da **GAEC EDUCAÇÃO S/A**, **SER Educacional S/A**, a **UNIVERSO**, instituição de ensino superior presente em cinco estados da federação e que conta com milhares de alunos em cursos presenciais e a distância espalhados pelo Brasil além de outras instituições privadas como **IBMEC**, **ESPM**, **UNILASALLE**, **PUC** e instituições públicas como a **Universidade Federal Fluminense (UFF)** e a **Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)**.

Entre os entrevistados, foram feitas 50 entrevistas pessoalmente, a Gestores, Coordenadores, Diretores, e Docentes. Todas as considerações feitas pelos profissionais das referidas instituições foram analisadas antes do processamento e análise dos dados, visando identificar a coerência e consistência das informações, não havendo sido encontrado nenhuma resposta considerada inconsistente ou incompatível com a realidade do ensino superior no Brasil. Foi definido como critério para escolha dos entrevistados, profissionais que atuam nos dois modelos de ensino (presencial e à distância). No gráfico abaixo, segue a distribuição dos envolvidos no estudo quanto aos cargos. É importante considerar também, que a maior parte dos entrevistados atua em mais de uma instituição de ensino superior.

**GRÁFICO 1:** Distribuição dos profissionais envolvidos no estudo, quanto aos cargos.



Fonte: Autor

Considera-se essa amostra significativamente satisfatória para fins de comprovação de pesquisa, visto que sugere uma abrangência de pelo menos 30% do universo de instituições que desenvolvem as modalidades em questão,

e com seus respectivos alunos, representam no somatório cerca de pelo menos 40% do número de estudantes na modalidade à distância no país, número esse que corrobora a amostra, conforme Levin (1987), em seu livro “Estatística Aplicada a Ciências Humanas”.

Segundo Flick (2004), ao iniciar o estudo qualitativo, uma etapa central e essencial é de como formular as questões da pesquisa. Nesse sentido, buscou-se a formulação de perguntas abertas, visto que com elas é possível que sejam consideradas também as observações adicionais dadas pelos entrevistados. Foi então desenvolvido um roteiro e a partir dele foram feitas as entrevistas. As respostas do roteiro foram sistematizadas e suas análises e observações serviram de base, juntamente com os referenciais teóricos, para a elaboração das conclusões finais da pesquisa. Dados consistentes foram obtidos para a compreensão das particularidades do ensino superior e foram incluídas as observações consideradas relevantes quanto à opinião dos entrevistados, sobretudo considerando suas experiências e práticas na área. A fim de permitir um maior grau de liberdade aos entrevistados, foi firmado um compromisso com todos os participantes sobre a manutenção do sigilo de suas identidades.

### **3. O ATUAL CENÁRIO BRASILEIRO E O EAD**

Atravessamos um conturbado período econômico e político. Na economia, números divulgados recentemente pelo IBGE por meio da pesquisa PNAD CONTÍNUA, apontam que a taxa de desemprego referente ao período compreendido entre abril e junho de 2017 ficou em 13%, o que representa cerca de 13,5 milhões de desempregados no Brasil. Esse número era ainda maior em final de 2014, onde segundo o próprio IBGE, havia cerca de 14,1 milhões de desempregados. Na política, casos de corrupção, escândalos,

impeachment de presidentes e desconfiança no poder público deixaram de ser exceções e tornaram-se fatos comuns nas últimas décadas.

Nesse cenário, cresce significativamente o trabalho informal, isto é, o trabalho sem carteira assinada, e junto a isso, a procura por parte da sociedade de uma melhor qualificação profissional. Daí o ensino superior a distância, conhecido como EAD surge como principal opção para atender a demanda cada vez maior de pessoas que necessitam de qualificação e que não possuem tempo disponível para um curso presencial, nem condições para custear essa modalidade de ensino.

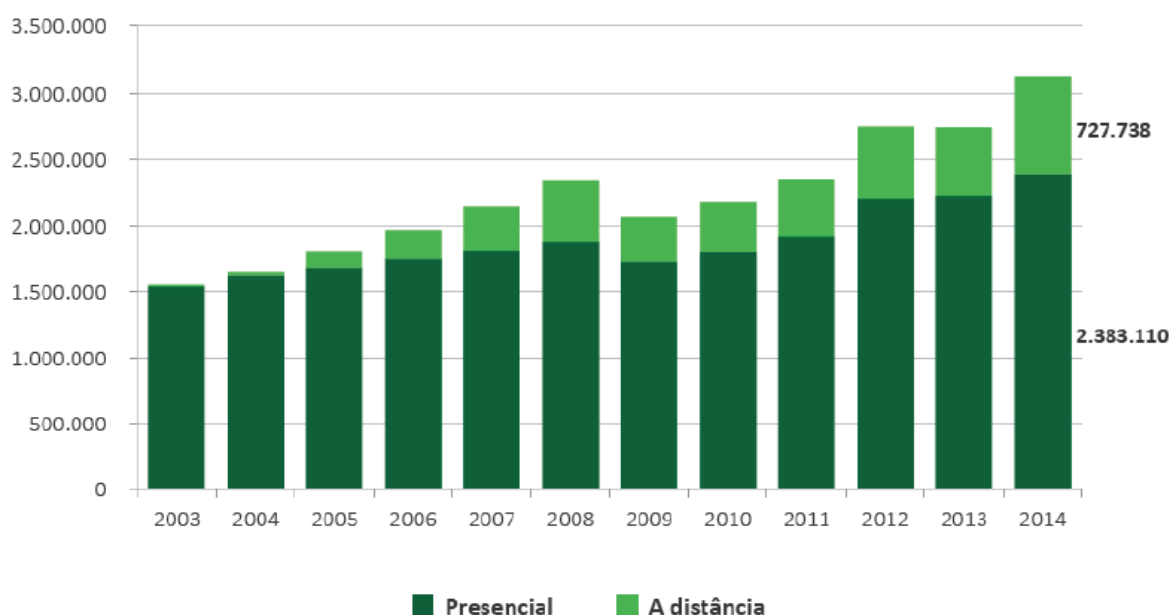
O EAD tende a atender plenamente essa realidade, pois viabiliza ao próprio estudante organizar seu tempo de estudo como lhe convém, além de ter preços bem mais acessíveis do que os cursos presenciais. Outra vantagem dessa modalidade é que há diversos pólos espalhados pelo país, o que facilita o acesso da população, principalmente as mais afastadas dos centros urbanos.

Contudo é importante que exista um controle por parte dos órgãos públicos, dessas instituições que se propõem a ministrar a modalidade a distância, não apenas em relação a estrutura física, instalações e dependências, mas principalmente em relação a qualidade de ensino prestadas por elas. O Governo com a intenção de expandir o acesso a educação a um número cada vez maior de pessoas, vem credenciando diversas instituições particulares a prestar essa modalidade a distância, bem como estimulando as universidades públicas a também atuarem com esse modelo de ensino, uma vez que com isso, reduz de forma considerável os custos com o ensino presencial.

Novas Instituições de ensino superior na modalidade EAD surgem com maior frequência, na busca por atrair essa faixa da população e também os alunos dos cursos presenciais, com ofertas de ensino de qualidade com preço baixo e facilidades de horários. Nem todas, contudo, apresentam um comprometimento com a qualidade do ensino ministrado, e visam única e exclusivamente a lucratividade. No gráfico 2 abaixo, pode-se constatar o crescimento do interesse dos estudantes pela modalidade a distância. Verifica-

se que do número de ingressantes aos cursos de graduação, a modalidade presencial representa a maior parte, contudo, nota-se um acentuado aumento do interesse pelos cursos a distância, principalmente se observarmos o período entre 2005 e 2014.

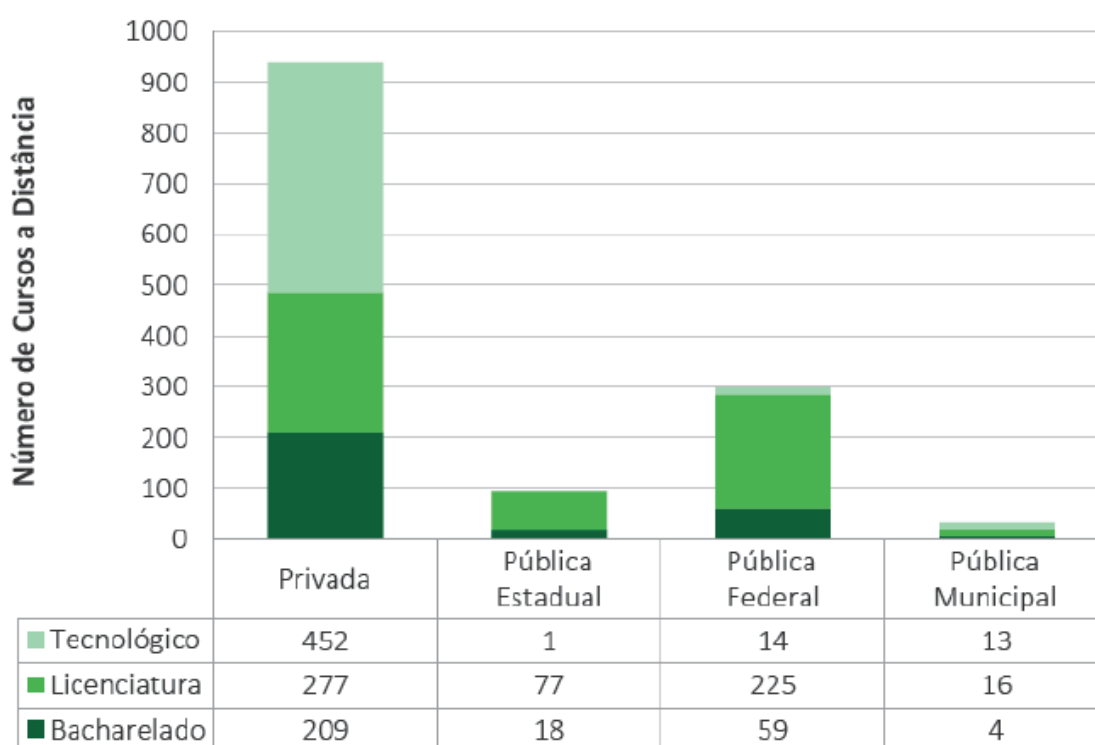
**GRÁFICO 2:** Número de ingressantes em cursos de graduação, por modalidade de ensino – Brasil – 2003-2014



Fonte: Elaborado pela Deed/Inep com base nos dados do Censo da Educação Superior (2014).

Face a esse aumento no interesse pelos cursos a distância, o gráfico 2 abaixo mostra o número de cursos de graduação a distância, por categoria administrativa e grau acadêmico. Constata-se que a maior parte dos cursos são oferecidos por instituições privadas.

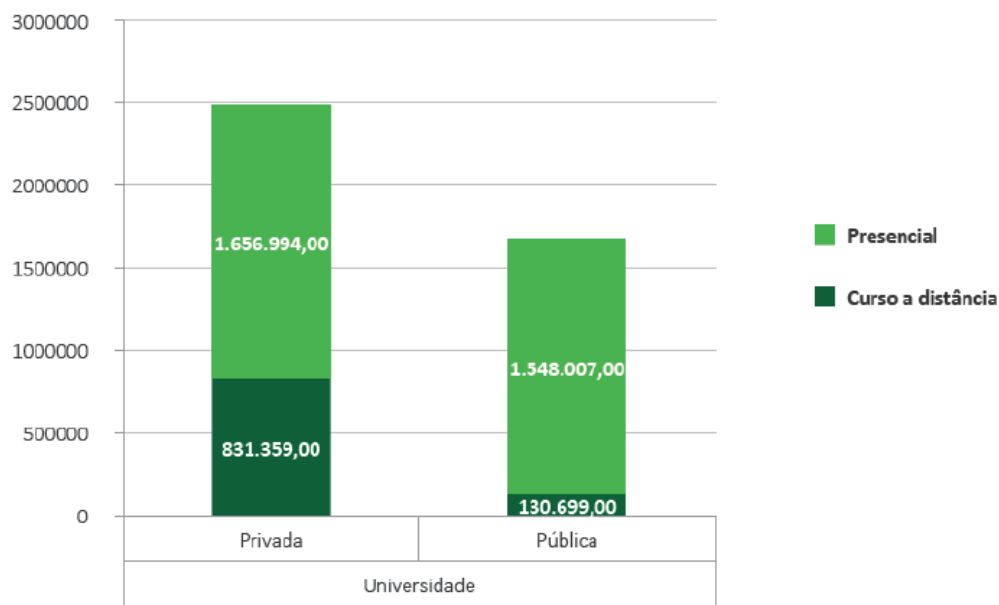
**Gráfico 3:** Número de cursos de graduação a distância, por categoria administrativa e por grau acadêmico – Brasil – 2014



Fonte: Elaborado pela Deed/Inep com base nos dados do Censo da Educação Superior (2014).

Também podemos perceber, segundo o gráfico 3 abaixo, que a quantidade de matrículas em instituições de ensino privadas é superior as matrículas em instituições públicas, tanto na modalidade presencial quanto na modalidade a distância.

**Gráfico 4:** Quantidade de matrículas em cursos de graduação em universidades públicas e privadas por modalidade de ensino – Brasil - 2014



Fonte: Elaborado pela Deed/Inep com base nos dados do Censo da Educação Superior (2014).

Muitas instituições que desenvolvem as duas modalidades, não agem de forma integrada, isto é, as atividades oferecidas aos alunos dos cursos presenciais não são as mesmas oferecidas aos alunos do EAD, inclusive no que se refere a questões como pesquisa e extensão

O SINAES, atualmente o único instrumento que tem por finalidade analisar os cursos, o desempenho acadêmico dos alunos e as instituições de ensino superior, não possui um modelo específico para avaliar as instituições que utilizam a modalidade à distância. Seus processos de análise das instituições são exatamente iguais aos das instituições presenciais, o que nos parece um equívoco, visto que as duas modalidades apresentam especificidades e são completamente distintas. Seus métodos de ensino, materiais didáticos, estrutura física, entre outros aspectos, são muito diferentes, além do público que as frequenta.

.Os resultados e as informações obtidas pelo ENADE, referencial para o estabelecimento de políticas públicas referentes ao setor de ensino, não nos parece ser adequado, visto que utiliza de um mesmo modelo para duas

realidades muito diferentes, não sendo assim, um instrumento eficiente para servir de auxílio à sociedade, principalmente os estudantes, como referência de qualidade dos cursos superiores e das instituições de ensino.

Este estudo, portanto, busca abrir uma ampla discussão junto a todos os demais interessados no tema, a fim de que possamos analisar com mais clareza e objetividade as diversas especificidades do ensino à distância no Brasil.

### **3.1 SÍNTESE HISTÓRICA DO EAD**

#### **3.1.1 NO CONTEXTO MUNDIAL**

Há muito já se pratica esta forma de educação - EaD, tendo como registro inicial em 1728 um curso oferecido pela Gazeta de Boston (EUA), que disponibilizou material para ensino e tutoria por correspondência. No entanto, esse tipo de curso só se tornou institucionalmente aceito no século XIX (ALVES, 2011).

Segundo Alves (2011) o ensino a distância começou pela oferta de cursos por correspondência, com a finalidade de expandir a oferta para as classes menos favorecidas economicamente e que não tinham possibilidade de acesso ao sistema formal. Nessa época, essa modalidade de ensino sofria bastante preconceito por parte da sociedade, que a considerava de baixa qualidade. A partir do Rádio, primeiramente, os cursos EAD ganharam um novo impulso e passaram a ser mais populares. Iniciava-se aí a era dos veículos modernos de comunicação, que ficaram ainda mais crescentes e



representativos com o desenvolvimento das telecomunicações, a massificação do computador e principalmente após o aparecimento da internet, que proporcionou abrir novas fronteiras para essa modalidade de educação, em meados do século XX.

Para Mattar (2007) A criação da Open University de Londres em 1970, foi sem dúvida um dos marcos do EAD no mundo, possibilitando o desenvolvimento de técnicas e metodologias específicas que contribuíram de forma considerável para a valorização, crescimento e popularização dessa modalidade de educação. Aproveitando e seguindo seu exemplo, surgiram na Europa outras instituições que difundiram e favoreceram o crescimento qualitativo e quantitativo do EAD, como a Universidade Nacional de Educação a Distância, em Madrid em 1972. Outro fator que contribuiu para a consolidação do ensino à distância foi o desenvolvimento de novas tecnologias, bem como a utilização em maior escala das mídias digitais. Com esse crescimento no mundo, o EAD passou a despertar o interesse de mais pesquisadores e estudiosos que passaram a buscar novas metodologias e técnicas para o desenvolvimento de uma EAD mais confiável, segura e de qualidade. Dentre os muitos estudiosos, destacam-se Desmond Keegan (1980),

Diversas instituições de ensino superior no mundo, segundo Mugnol (2009), também utilizam o modelo de ensino não presencial há bastante tempo, com as Universidades Abertas. Na Inglaterra, por exemplo, temos a Open University de Londres (1970) que foi uma das pioneiras e contribuiu de forma decisiva para o desenvolvimento dessa modalidade de ensino. Vários países seguiram esse caminho, como a Espanha, que fundou a UNED - Universidade Nacional de Educação a Distância (1972). Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia, Rússia, Suécia, e Alemanha (MUGNOL, 2009).

Ainda segundo Mugnol (2009), no início dos anos 90, diversos profissionais envolvidos com o ensino e a educação na Europa que tinham como objetivo aprimorar os conhecimentos sobre o EAD na União Européia, desenvolveram um extenso estudo que culminou com um documento que foi denominado de ***Vocational Education and Training at a distance in the***

**European Union.** Esse documento continha um conjunto de várias metodologias que foram utilizadas por instituições européias que trabalhavam com o EAD e foi aceito pelos acadêmicos como um trabalho de natureza científica que muito contribuiu para o conhecimento e desenvolvimento dessa modalidade de ensino. Autores consagrados no meio acadêmico mundial serviram como referência para a produção deste documento. Destacando-se John Daniel, Michael Moore e David Sewart do Reino Unido. Borge Holmberg e John Baath da Suécia, Além do alemão Otto Peters, o Italiano Benedetto Vertecchi e o Norte Americano Charles Wedemeyer, entre outros.

### **3.1.2. NO BRASIL**

No Brasil, o conceito de EAD foi oficialmente definido a partir do Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

O EAD, segundo a ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância) vem crescendo de forma bastante significativa nesses últimos anos, porém apesar desse crescimento, ainda há muito a se discutir sobre essa modalidade de ensino. Um dos pontos também destacado pela a Associação, é a regulamentação e os critérios de acompanhamento da qualidade do ensino. Para melhor entendermos e fazermos uma maior reflexão sobre esses pontos, faz-se necessário um pequeno histórico do EAD, a fim de que tenhamos uma visão mais ampla do assunto.

Outro ponto importante, segundo Martins (2005) é a questão da qualidade da formação dos estudantes concluintes do EAD. Não podemos deixar de considerar os resultados efetivos alcançados por ela sob o ponto de vista dos alunos. Especialistas afirmam que um fator imprescindível a ser analisado é a habilidade e a capacidade dos alunos dessa modalidade de ensino a se projetarem socialmente em uma comunidade, tanto em relação a área acadêmica, com a continuidade dos seus estudos, quanto em relação a questão profissional, estando aptos a desenvolver com capacidade, eficiência e competência suas atividades do dia a dia. Deve-se, contudo, observar as diferenças culturais, econômicas e sociais desses estudantes em relação aos estudantes da modalidade presencial, visto que a educação a distância, que se utiliza de veículos de comunicação massificados, é capaz de atingir públicos completamente distintos, de regiões diferentes dentro do país ou até fora dele. Por esse motivo, é vital termos definido de forma clara o principal objetivo do EAD, para podermos então, efetivamente, validar sua qualidade.

Segundo Alves (2011), a educação deve se desenvolver numa perspectiva de convergência entre as duas modalidades de ensino, presencial e à distância, visto que em ambas existe a necessidade de utilização de tecnologias educacionais, de informação e comunicação. Desta forma, faz-se necessário a criação de sistemas educacionais que sejam convergentes, fazendo com que não exista diferenciação entre o que se aprende no curso presencial e no EAD.

Historicamente, conforme Alves (1994), o EAD no Brasil surgiu a partir dos cursos por correspondência, por volta de 1904, onde um dos pioneiros foi o Instituto Universal Brasileiro, que desenvolvia cursos rápidos e baratos, objetivando atender a classes menos favorecidas economicamente. Nesse período o rádio era utilizado como ferramenta de apoio, passando em 1922, com a Radio Sociedade do RJ, conhecida como rádio Roquete Pinto, a ganhar maior projeção. O governo brasileiro iniciou certa tradição ao utilizar a rede de emissoras de rádio para a distribuição de programas educativos e culturais. Meio de alta agregação cultural, o rádio tem a capacidade de ser um veículo de

amplo espectro social; continua a atingir todas as camadas sociais e níveis etários.

Segundo Moore (2008), a partir de uma parceria entre as fundações Padre Anchieta e Roberto Marinho, os Tele cursos de 1º e 2º graus, criados em 1978, foram outros veículos de significativa importância no cenário nacional. A partir do final da década de 1960, a televisão ampliou o alcance dos meios de comunicação, e a transformou, consolidando os meios audiovisuais. Foram várias as iniciativas governamentais para criar emissoras e redes de televisão educativa, destinando-se às redes comerciais apenas um percentual de sua programação para eventos de alcance educativo. A partir da década de 90, novas tecnologias de comunicação e informação surgiram e com eles programas incentivados por secretarias municipais e estaduais e algumas vinculadas a parcerias como universidades e instituições privadas. Com os cursos de especialização *Lato Sensu*, e os cursos de extensão, surge o início do processo de educação em ambientes virtuais de aprendizagem. Diversos estudiosos e pesquisadores ligados a educação contribuíram com teorias sobre o EAD, dentre os quais destaco por exemplo: Landim (1997), Nunes (1998), Belloni (1999), Neves e Cunha (2000), Niskier (2000), Valente (2000), Martins (2005), entre outros.

Segundo Alves (1994), logo no início de sua implementação, buscava-se com o EAD possibilitar o acesso à educação a quem não tinha a oportunidade de estudar numa escola presencial. Nesse período, o preconceito dessa modalidade de ensino destinada a atender a classes menos favorecidas era muito grande, pois se considerava que o EAD possuía qualidade inferior aos cursos presenciais. Com o passar do tempo, a partir do crescimento das tecnologias de aprendizagem, a modalidade não presencial ganhou a atenção de estudiosos e pesquisadores, e passou a ser menos discriminada pela sociedade, em virtude de instituições privadas de renome e até mesmo as universidades públicas adotarem esse modelo de ensino. Com isso aprimoraram-se os estudos metodológicos e os instrumentos didático-pedagógicos destinados a modalidade não presencial, gerando a necessidade de consolidação de políticas públicas mais consistentes no sentido de fiscalizar

e regulamentar instituições e cursos. Contudo essas políticas ficaram mais especificamente voltadas para a área estrutural, deixando um pouco de lado o cunho da qualidade do trabalho pedagógico por ele prestado.

Para Moore (2008), o surgimento do computador como meio mais rápido para transportar a palavra escrita mudou não só o veículo de distribuição do ensino, mas a forma de mediação. A multimídia, que trabalha com as múltiplas linguagens (sonora, audiovisual e iconográfica), amplia as possibilidades de ensino aprendizagem e pode, desde que adequadamente projetada, atender à demanda social por educação.

Em dezembro de 1996, a Lei n. 9.394/96 conhecida como LDB é criada com o propósito de estabelecer as diretrizes e bases para todos os níveis de ensino, inclusive o EAD, que passa a ser definido como uma modalidade de “complementação” para alunos que por alguma razão não puderam fazer um curso presencial. Em seu artigo 80, define a necessidade de desenvolvimento deste modelo de ensino em todos os níveis, inclusive no ensino superior. Só a partir de 2001, com o Plano Nacional de Educação, a Lei 10.172/01 passa a considerar o EAD como modelo de ensino eficaz para suprir as desigualdades regionais e expandir o acesso à educação para um número maior de pessoas. Em 2005, através do Decreto nº 5622, passou a ser reconhecido no sistema oficial de ensino os cursos ofertados por instituições que tenham sido credenciadas pelo Ministério da Educação. Isso leva a uma considerável expansão do sistema de EAD no Brasil, com o surgimento de diversos projetos e cursos oferecidos para atender a um número cada vez maior de estudantes, buscando atender a necessidades específicas do Ensino Básico e Superior.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, além de apresentar como fundamento os princípios da flexibilidade e da avaliação, apresenta, também, o princípio do respeito às iniciativas inovadoras, facultando a abertura de instituições e cursos em caráter experimental. Ao mesmo tempo, incentiva claramente a modalidade de educação a distância (EAD) que, a partir de então, passou a ser desenvolvida quase que exclusivamente pela iniciativa privada, tornando-se a modalidade de ensino que mais cresce no país, e que, desde então, tem sido objeto de discussão por parte dos estudiosos, das

autoridades educacionais, das instituições de ensino, dos professores, dos alunos e da sociedade de modo geral. O Ministério da Educação (MEC), tem se posicionado como um órgão regulador que define as políticas e diretrizes, que elabora os instrumentos e faz a avaliação do sistema.

Com tudo isso, torna-se cada vez mais necessário se desenvolver um processo de normatização a fim de regulamentar essa modalidade de educação e fazer sua integração ao ensino presencial. O início do século XXI, foi a época que marcou os grandes encontros e debates sobre a educação a distância, mesmo tendo ainda parte considerável da comunidade acadêmica que ainda tem restrições a esse método educacional e mantém a idéia tradicionalista de que o EAD não possui as mesmas qualidades do ensino presencial. O MEC vem dedicando grande parte de seus esforços no sentido de normatizar e demarcar o espaço do EAD no cenário educacional brasileiro. Além das questões legais, busca aprofundar o desenvolvimento de novas tecnologias aplicadas ao ensino dessa modalidade.

Vale, contudo ressaltar que não adianta apenas a regulamentação dos cursos e instituições de ensino a distância, sem que exista um instrumento capaz de mensurar de forma correta a qualidade do aprendizado obtido por ele. Também é importante ressaltar que a nossa realidade econômica e social, as desigualdades de acesso a informação e as dimensões continentais de nosso país, impossibilitam eventuais comparações com praticas de EAD desenvolvidas na Europa.

Essas diferenças ficam evidentes quando comparamos as primeiras iniciativas de educação a distância, realizadas ainda por correspondência. A metodologia de EAD que tinha como objeto a aprendizagem por correspondência, que era utilizada antes do crescimento das tecnologias aplicadas à educação e trabalhava com alunos de forma isolada, tornou-se tradição em países europeus e na América do Norte. No Brasil, como em outros países da América Latina, o ensino por correspondência foi acompanhado e, em muitos casos, superado por metodologias que utilizavam a radio-difusão ou tele-difusão, meios de comunicação sempre vistos com muita simpatia pela população brasileira.

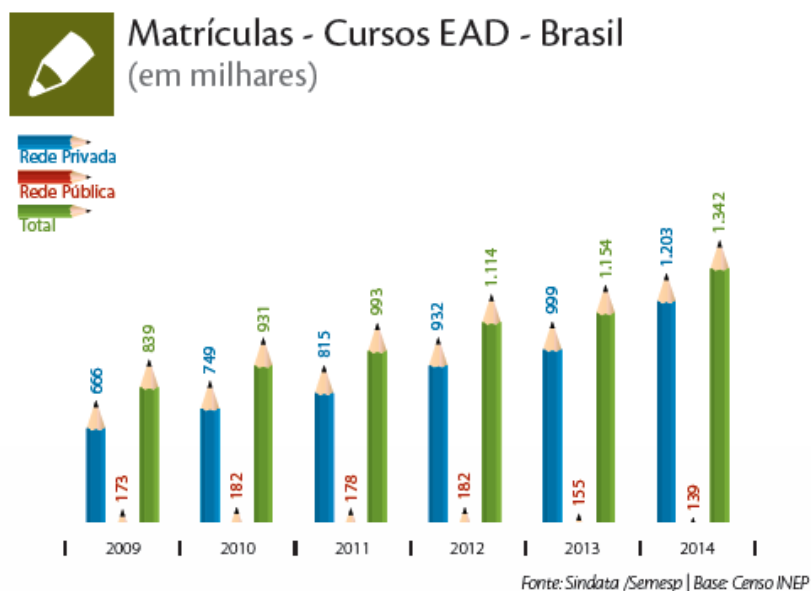
Visto isso, percebe-se que o EAD ainda possui no Brasil diversos problemas que impedem que se consolide um sistema verdadeiramente eficaz de ensino a distância, que seja capaz de atender as demandas e expectativas do nosso país e resgatar a imensa dívida social com a educação. No Brasil, a primeira geração de EaD aconteceu no final do século XIX com a educação por correspondência por meio de guias impressos, que já era utilizado em alguns países do mundo. Na geração seguinte, no início do século XX, televisão, fitas de áudio/vídeo e telefone começaram a ser utilizados como ferramentas tecnológicas para a educação, muito embora, no Brasil tal abordagem tenha sido classificada como experimental. Na terceira geração, no final do século XX – entre os anos 1960 e 1970, teve como destaque as Universidades Abertas. Já na quarta geração (entre os anos 1970 e 1980) se destacou pelas Teleconferências. Na última década do século XX teve início a quinta geração com o acesso a internet, redes de conferência por computador e estações de trabalho multimídia (LEMGRUBER, 2012; ALVES, 2011; SPELLER, 2012; LIMA, 2014).

### **3.2 . O CRESCIMENTO DO EAD NO BRASIL**

A educação superior a distância no Brasil apresenta um crescimento bastante significativo nos últimos anos, conforme diversos estudos, entre os quais destaco o Relatório Analítico de Aprendizagem a Distância no Brasil (Censo EAD.BR 2015), o Mapa do Ensino Superior no Brasil (2016), desenvolvido pela Assessoria Econômica do Semesp, oferece um panorama completo da educação superior brasileira, e o relatório Hoper (2015), faz uma análise setorial do Ensino Superior Privado, sendo uma referência do setor educacional como ferramenta de apoio a gestão, entre outros. Segue alguns gráficos que comprovam o crescimento significativo dos cursos à distância:

O gráfico 5 abaixo apresenta o crescimento das matrículas em cursos superiores na modalidade à distância no Brasil. Nele se verifica a grande procura por instituições de ensino privadas, que cresceram quase 100% no período de 2009 à 2014.

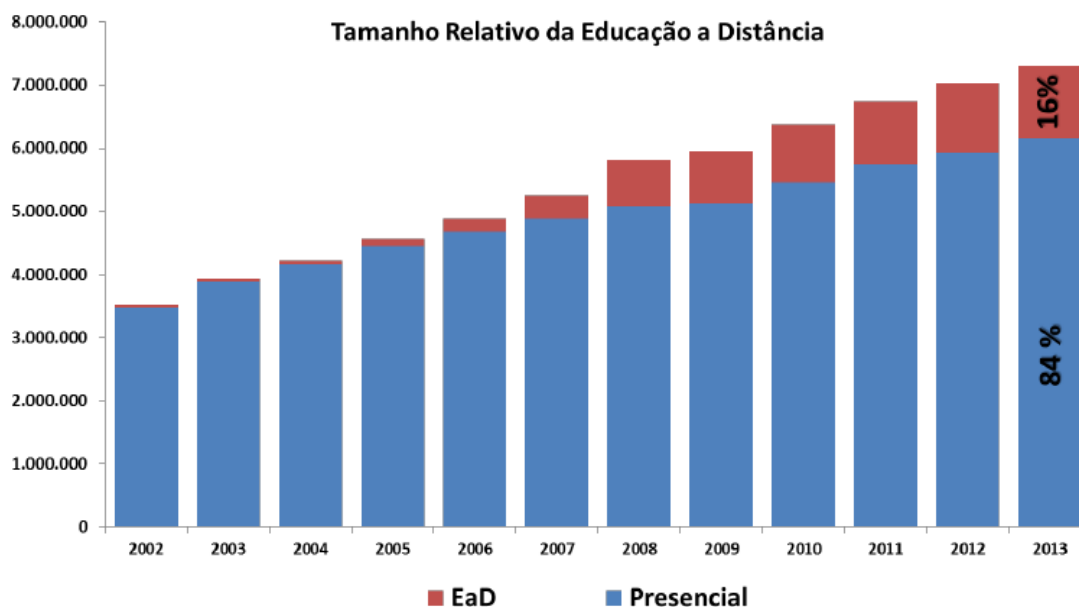
**Gráfico 5** – Crescimento das matrículas em cursos superiores na modalidade à distância no Brasil.



O gráfico 6, faz uma comparação entre os mercados de educação superior presencial e à distância. Nele verifica-se que a modalidade presencial possui maior mercado, porém vale a pena perceber o crescimento percentual da modalidade à distância, que em 2002 não chegava a 1% e que em 2013 já chega a 13%.



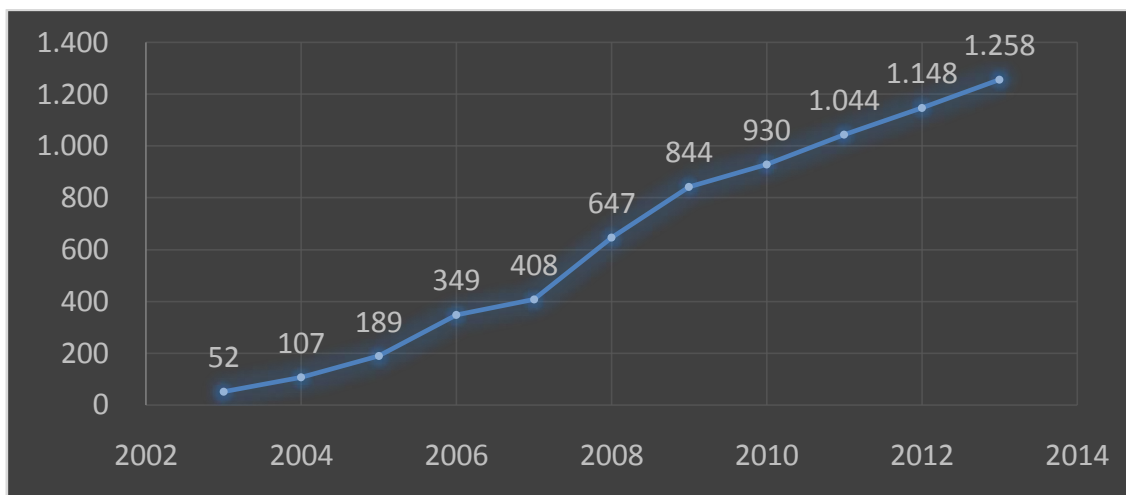
**Gráfico 6** – Comparação entre os mercados de educação superior presencial e na modalidade à distância.



HOPER  
GROUP

A popularização e o crescimento do EAD faz com que a educação chegue a lugares afastados dos centros urbanos ainda não atendidos pela educação presencial. Também conta como fator de contribuição para o crescimento dessa modalidade de ensino, o fato de que devido a vida sempre corrida dos dias atuais, grande parte dos estudantes busca no EAD a comodidade, praticidade, rapidez e a facilidade de acesso, que o ensino presencial não oferece.

No gráfico 7, verifica-se o crescimento quantitativo da oferta de cursos EAD no Brasil, no período compreendido entre os anos de 2002 à 2014.

**Gráfico 7** – Análise do crescimento dos cursos dos cursos EAD no Brasil

**HOPER**  
GROUP

Em vista desse crescimento, grandes grupos educacionais e instituições conceituadas e de renome investiram nessa modalidade de ensino. Dentre elas destacam-se quatro empresas que negociam ações na bolsa de valores: A Estácio Participações S/A, uma das maiores organizações privadas de ensino superior do Brasil em número de alunos matriculados. Encerrou o ano de 2014 com 437.400 alunos no ensino superior presencial e a distância; A KROTON Educacional S/A, que é hoje a maior organização educacional privada do Brasil e do mundo, encerrou o ano de 2014 com 986.827 alunos no Ensino Superior Presencial e a Distância. A empresa teve um crescimento no número de alunos de 90,3% em relação a 2013, devido, principalmente, à incorporação dos alunos da Faculdade Anhanguera; A GAEC EDUCAÇÃO S/A (ANIMA), uma das maiores organizações educacionais privadas de ensino superior do país, que encerrou 2014 com aproximadamente 79 mil alunos e a SER Educacional S/A, empresa que ingressou no mercado de capitais em 2013 com o objetivo de estar entre os maiores grupos educacionais do país e que encerrou 2014 com 128.500 alunos.

FONTE: Relatório Hoper 2015



#### **4. USO DE TECNOLOGIAS NO ENSINO: PRECONCEITO OU CONFLITO DE GERAÇÕES?**

Um dos temas mais discutidos atualmente sobre educação é o uso de novas tecnologias no ensino (Barba, 2012). Diversos educadores e estudiosos no assunto questionam se os chamamos “ambientes virtuais de aprendizagem” são capazes de oferecer ao estudante uma formação de qualidade. Estamos na era do computador, e com os avanços da tecnologia, o acesso à informação é cada vez maior. Isso faz com que muitos estudantes não tenham mais o mesmo interesse nas aulas presenciais. Pensava-se antes que a tecnologia pudesse ser controlada, restrita a laboratórios de Informática e a profissionais especialistas. Não se imaginava, porém, que a tecnologia digital se tornaria uma atmosfera onde qualquer um, mesmo sem formação específica, poderia transitar livremente. O crescimento das redes sociais mudou completamente as relações humanas. Notícias são difundidas em segundos para todo o mundo, grandes e pequenas empresas usam as redes sociais na busca de informações sobre funcionários, pessoas anônimas viram celebridades em pouquíssimo tempo e novas profissões surgem a cada dia. Diante de tudo isso, é indiscutível que a educação tem que se adaptar aos novos tempos. A necessidade de inovação e investimento em novas tecnologias é um caminho sem volta. A tecnologia anda tão rápido que os professores e as instituições de ensino que não se atualizarem a tempo poderão estar fora do mercado em menos de dez anos.

Segundo Barba (2012), temos que usar a nossa criatividade nas aulas, recorrendo à tecnologia capaz de mudar radicalmente a forma de ensinar. Temos que sair da nossa “zona de conforto” e inovar. Hoje nossos alunos estão muito à frente de nós no uso das tecnologias. Precisamos aprender com eles. Mais do que isso, é fundamental investir em profissionais qualificados e fazer com que essa qualificação se transforme em retorno. Não podemos inovar apenas por inovar, precisamos ter uma necessidade bem justificada. Do

contrário não aumentaremos a qualidade das propostas e das práticas educativas, nem melhorarão os resultados do corpo discente (Barba 2012).

Segundo Barba (2012), as tecnologias da informação nos permitem atender à diversidade, tornar mais acessíveis os recursos e abrir a escola para o mundo, tornando visível o pensamento, fazendo com que o mundo sonoro e os recursos da multimídia entrem nas salas de aula. A educação tende a ser mecanizada quando ensina a mesma coisa, da mesma forma, como se estivéssemos em uma linha de montagem. A escola automatiza quando parte da premissa de que todos os alunos são iguais, desprezando suas individualidades. O grande problema das instituições de ensino é que reproduzem atitudes e procedimentos já existentes. Temos que inovar, precisamos estimular o uso de pesquisas e outras atividades com as tecnologias digitais. Experiências realizadas em escolas comprovam que os alunos, quando trabalham em grupos com o computador, se ajudam mutuamente. A ideia de que o computador individualiza é incorreta e precisa ser desmistificada, com as instituições de ensino tendo o dever de alfabetizar o quadro docente para o mundo digital.

Para Laguna (2012), a tecnologia vem para somar, para agilizar o processo, não para substituir o professor. A discussão é a mesma com ou sem tecnologia. A tecnologia tem de ser pensada a serviço do conhecimento. Através dela, este cidadão descobre outras formas de se expressar e ter visibilidade. O modelo de trabalho é que faz a diferença.

Segundo Estefenon (2008), conhecer um pouco do perfil das gerações envolvidas no processo de aprendizagem é fundamental para podermos entender a certa “rejeição” de alguns profissionais e estudantes no uso das tecnologias educacionais e em especial aos cursos à distância. Os jovens cresceram num universo paralelo ao dos pais e professores e ao da maioria das pessoas. Foram construindo novos conceitos, mudando comportamentos e, com isso, forçando companhias e indústrias a criar novos produtos e se adaptar a um novo e crescente mercado: o do mundo digital.

Durante muitas décadas, se definiu uma geração como sendo aquela que sucedeu seus pais. Portanto se calculava uma geração como um período de tempo médio de cerca de 25 anos. Porém nos últimos cinquenta anos, nós tivemos uma aceleração do tempo, do modo de se fazer às coisas e do jeito de produzir. Assim o intervalo entre uma geração e outra ficou mais curto, hoje já se pode falar em uma nova geração a cada dez anos. Isso significa que mais pessoas com perfis completamente diferentes estão convivendo juntos, tanto em casa, como também na escola e no mercado de trabalho. Gestores, diretores, coordenadores, professores, pais e alunos, de gerações muitas vezes completamente distintas, têm que conviver juntos num mesmo espaço em meio a uma imensa diversidade.

Minayo (2001) destaca três gerações específicas. A primeira é a geração denominada de geração X, que surgiu por volta dos anos 70 a 80 e que no Brasil participou do movimento que destituiu o então presidente Collor e vivenciou as diversas mudanças econômicas, as trocas sucessivas de moedas e que viu a tecnologia entrar de vez nas casas, com a explosão dos aparelhos eletrônicos, dos micro computadores, entre outros. Essa geração se caracteriza por certo conformismo, uma resistência às tecnologias e a grandes novidades, e que não tem interesse em buscar inovações. Sendo assim, as maiores detentoras do chamado “preconceito” a qualquer forma de ensino que seja diferente do modelo presencial tradicional. A geração seguinte, dos anos 90, se intitula geração Y, que no Brasil, nasceu numa economia aberta, numa democracia. Essa geração se caracteriza pela necessidade de mudanças constantes, pelo uso da Internet e pela necessidade de crescimento rápido. Profissionais dessa geração estão sempre dispostos a novos desafios e possuem uma visão bem diferente sobre a educação à distância, em comparação a geração X. Já na geração Z, uma geração que se caracteriza pelo consumismo, que pensa unicamente no prazer, e que vive o hoje independente do amanhã, o ensino à distância é um elemento facilitador do processo educativo, pois nele não há fronteiras de tempo e espaço. Para os nativos dessa geração, que nasceram num mundo digital, não há tempo a perder, eles buscam rapidez em tudo e são completamente imediatistas. Viver

sem computadores, netbooks, ipods, celulares e demais aparelhos eletrônicos é algo inadmissível para alguém dessa geração.

#### **4.1. REVISÃO DA LITERATURA**

O ensino a distância, conhecido como EAD é uma modalidade de educação que se utiliza de recursos tecnológicos de modo que docentes e discentes, mesmo em espaços diferentes e muitas vezes em tempos diferentes, mantém contato periódico e através dessa comunicação e dos instrumentos pedagógicos específicos, o processo de ensino-aprendizagem é desenvolvido. Em virtude dos avanços constantes da tecnologia e dos custos mais baixos do que na modalidade presencial, o EAD tem crescido de forma bastante significativa nos últimos anos, tornando-se um importante instrumento de propagação da educação, possibilitando oportunidades de crescimento intelectual a muitas pessoas (MORAN, 2009).

Segundo Nunes (1994), o EAD é um instrumento de vital importância para expandir as fronteiras do ensino, pois é capaz de abranger uma porção bem maior de alunos do que o ensino presencial. Tal fato é propiciado pelas novas tecnologias de comunicação e informação, que permitem ao estudante ter acesso a um número infinitamente maior de informações e também por propiciar a interação de milhares de pessoas, em espaços geográficos e contextos completamente diferentes.

Com isso, o EAD vem se tornando um meio gerador de diversas oportunidades, pois muitos estudantes que participam desta modalidade de ensino conseguem chegar a conclusão de um curso superior, obtendo conseqüentemente, melhores opções profissionais.

Segundo Maia & Mattar (2007), o EAD é praticado em diversos setores, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Utiliza-se também desse instrumento, instituições governamentais, cursos livres, etc...

Dentre os diversos conceitos de Educação a distância, podemos citar os descritos na tabela abaixo, que apesar de terem em suas formulações características distintas, possuem diversos pontos de convergência (BERNARDO,2009).

**TABELA 1 – Conceitos e características da Educação à distância**

Autor	ano	característica	definição
Dohmem	1967	ênfatisa a forma de estudo na Educação a Distância	“Educação a Distância é uma forma sistematicamente organizada de auto-estudo onde o aluno instrui-se a partir do material de estudo que lhe é apresentado, o acompanhamento e a supervisão do sucesso do estudante são levados a cabo por um grupo de professores. Isto é possível através da aplicação de meios de comunicação, capazes de vencer longas distâncias.”
Peters	1973	ênfatisa a metodologia da Educação a Distância	“Educação/ensino a distância é um método racional de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes, através da aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais, tanto quanto pelo uso extensivo de meios de comunicação, especialmente para o propósito de reproduzir materiais técnicos de alta qualidade, os quais tornam possível instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo, enquanto esses materiais durarem. É uma forma industrializada de ensinar e aprender.”
Moore	1973	ênfatisa as ações docentes	“Ensino a distância pode ser definido como a família de métodos instrucionais onde as ações dos professores são executadas à parte das ações dos alunos, incluindo aquelas situações continuadas que podem ser feitas na presença dos estudantes. Porém, a comunicação entre o professor e o aluno deve ser facilitada por meios impressos, eletrônicos, mecânicos ou outro.”
Holmberg	1977	ênfatisa a	“O termo Educação a Distância esconde-

		diversidade das formas de estudo	se sob várias formas de estudo, nos vários níveis que não estão sob a contínua e imediata supervisão de tutores presentes com seus alunos nas salas de leitura ou no mesmo local. A Educação a Distância beneficia-se do planejamento, direção e instrução da organização do ensino.”
Keegan	1991	Enfatiza a separação física entre aluno e professor	“O autor define a Educação a Distância como a separação física entre professor e aluno, que a distingue do ensino presencial, comunicação de mão dupla, onde o estudante beneficia-se de um diálogo e da possibilidade de iniciativas de dupla via com possibilidade de encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização.”
Chaves	1999	Enfatiza o uso de tecnologias	“A Educação a Distância, no sentido fundamental da expressão, é o ensino que ocorre quando o ensinante e o aprendente estão separados (no tempo ou no espaço). No sentido que a expressão assume hoje, enfatiza-se mais a distância no espaço e propõe-se que ela seja contornada através do uso de tecnologias de telecomunicação e de transmissão de dados, voz e imagens (incluindo dinâmicas, isto é, televisão ou vídeo). Não é preciso ressaltar que todas essas tecnologias, hoje, convergem para o computador.”

A distância física entre professores e alunos, a comunicação com o uso da mídia, são inovações trazidas pela EAD que se constituem num desafio para as instituições de ensino. Exigem investimentos em tecnologia avançada para a mediação e ao mesmo tempo mudança na cultura dos professores e alunos que tem como parâmetro o modelo pedagógico presencial, caracterizado pela presença física de professores e alunos num mesmo tempo e espaço.

Segundo Keegan (1996), existe uma fragmentação na literatura atual existente, que revela uma carência de fundamentação teórica e trabalhos de pesquisa direcionados, capazes de explicar os principais pontos controversos na descrição dos fundamentos da educação a distância. O EAD segundo ele tem características específicas, pois há uma distância física entre professores e



alunos, o que requer uma maior organização educacional no planejamento, preparação do material de ensino e na provisão de serviços de suporte. Existe também a necessidade da utilização de mídia para mediar ações educativas entre professores e alunos no desenvolvimento do conteúdo do curso, tais como impressos, áudio, vídeo ou computador além de uma quase permanente ausência de grupos de aprendizagem presenciais, com a possibilidade de encontros, sendo os estudos individuais responsáveis por completar as necessidades e propósitos de socialização.

A expressão “educação à distância” cobre as distintas formas de estudo em todos os níveis que não se encontram sob a contínua e imediata supervisão dos tutores, presentes com seus alunos na sala de aula, mas, não obstante, se beneficiam do planejamento, orientação e acompanhamento de uma organização tutorial. (Holmberg,1985).

A existência de materiais didáticos de qualidade para a educação a distância, a mediação tecnológica dos meios de comunicação e informação, são atributos que se colaboram para o bom desempenho do papel do professor. Aos alunos são atribuídas maiores responsabilidade sobre a própria formação, traduzida esta, em maturidade intelectual para estudos individuais e disciplina para o cumprimento das tarefas propostas pelos professores

Segundo Landim (1997), a educação a distância se desenvolve através da articulação de atividades pedagógicas capazes de desenvolver os aspectos afetivo, psicomotor e cognitivo dos estudantes. Para isso, utiliza-se de formas de comunicação não contígua, que independem do tempo e do lugar onde se encontram os atores do processo, isso a torna interessante para alunos adultos que tem compromisso com o mercado de trabalho. O sistema a distância implica estudar por si mesmo, mas o aluno não está só; vale-se de um curso e de interação com instrutores e com uma organização de apoio. Produz-se, assim, uma espécie de diálogo em forma de tráfego de mão dupla.

Utilizando não o termo “educação” mais sim “ensino” Moore e Kearsley (1996) dizem que há uma diversidade de conceitos e que enquanto aprofundam-se as discussões a respeito do tema, as instituições de ensino

superior que se utilizam do EAD, buscam um sistema baseado na tecnologia e nos materiais didáticos, que massificam-se em larga escala, de maneira industrial, buscando otimizar custos e aumentar receitas.

Conforme LANDIM (1997), é difícil estabelecer fundamentos na educação a distancia, visto que suas bases teóricas ainda são muito frágeis. Isso se dá pela inexistência de um estudo conjunto das diversas experiências desenvolvidas até hoje. Segundo ela, os pressupostos teóricos do EAD são carentes de aprofundamento (NISKIER, 2000).

O EAD modifica aquela velha idéia de que, para existir ensino, seria sempre necessário contar com a figura do professor em sala e de um grupo de estudantes. Percebe-se a dificuldade para se chegar a um consenso sobre a definição de educação a distância e, obviamente, essa dificuldade está diretamente relacionada ao fato de existir uma carência na definição de seus fundamentos (NISKIER, 2000).

Conforme já visto anteriormente, o EaD é a modalidade de educação onde se utiliza de forma efetiva tecnologias de informação e comunicação, onde aluno e professor estão separados fisicamente no espaço e/ou tempo (ALVES, 2011; MORAN, 2009). A questão agora é responder a pergunta: como desfazer a ideia de que o ensino superior à distância apresenta uma qualidade inferior aos cursos presenciais? Um dos principais desafios para a educação é criar uma nova cultura de ensino superior, que deve ser mais abrangente e de qualidade, tanto presencial quanto na modalidade à distância. A qualidade do ensino depende fundamentalmente da metodologia empregada, do material utilizado e do profissional que irá mediar o processo de ensino-aprendizagem (SPELLER, 2012).

Em um mundo cada vez mais afetado pelo progresso tecnológico, temos disponíveis diversos métodos e materiais que permitem que o aluno seja o verdadeiro sujeito da ação, fazendo com que o professor assuma a função de mediador. No modelo de educação presencial, as reações dos alunos são prontamente percebidas pelo professor, que com estratégias próprias, é capaz de sanar dúvidas de forma imediata. Já no ensino não presencial, o professor

ao preparar o material deve simular possíveis casos de dúvida, para poder organizar o material a partir de auto-instruções.

Hoje a educação com o uso de metodologias não presenciais ou semipresenciais atinge cerca de 20% da população de estudantes o que acarreta a necessidade de mão-de-obra especializada, treinamento e supervisão técnica permanente (CAPELLATO & MORELLI, 2015). Um exemplo disto é o material impresso utilizado que nem sempre pode ser o mesmo usado nos textos de apoio da educação tradicional, devendo contar com pessoal bem preparado, capaz de dar assistência individualizada e fazer o acompanhamento constante do desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Bem como o processo de avaliação, que precisa estar muito bem definido e planejado (PERRENOUD, 2008; VASCONCELOS, 2006).

Se compararmos semelhanças e diferenças entre o ensino presencial tradicional e o ensino a distância, podemos verificar que o EaD permite que os alunos possam estudar individualmente ou em grupos, aproveitando de suas disponibilidades de horários, utilizando de materiais especializados produzidos por professores qualificados e utilizando dos diversos meios como internet, televisão e outros. Essa “facilidade” em permitir que o aluno possa se organizar em seus estudos conforme sua disponibilidade de tempo exige dele três elementos essenciais: disciplina, foco e organização, indispensáveis para que seus esforços tenham êxito.

Favoráveis ou não, é chegado o momento em que nós, profissionais da educação, que temos o conhecimento e a informação como nossas matérias-primas, enfrentemos os desafios oriundos das novas tecnologias. (KENSK, 1997).

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases) em seu artigo 80 e seus parágrafos, subsidiaram a normatização do Decreto nº 2.494/98, substituído pelo nº 5.622/05, caracterizando o EaD como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em

lugares ou tempo diversos (Art. 1º), contudo mesmo com a inserção do ensino a distância nas instituições de ensino superior, uma vez que a portaria 4.054/2004 do MEC que dispõe sobre a educação a distância, autorizou as instituições de ensino superior a ofertarem até 20% (vinte por cento) da carga horária total de cada curso presencial, na modalidade à distância, a qual veio a incentivar a adesão a esta modalidade (AHAD, 2015), ainda temos uma carência de instrumentos de verificação da qualidade do aprendizado desta modalidade de ensino. Com as constantes e crescentes mudanças no ensino à distância, a dinâmica das informações e a mediação pedagógica, promoveram novas teorias e estratégias de aprendizado. Para tal, a organização, novas competências e habilidades profissionais foram fundamentais, assim, uma formação tecnológica complementar se torna necessária tanto para o professor quanto para o aluno. (AHAD, 2015; LIMA, 2014).

Os alunos e professores habituados ao ensino convencional e presencial passaram por momentos de adaptação, para isto, como ponto de partida, foi necessária a criação de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) e ferramentas interativas, que se integrem aos sistemas de cada unidade de ensino, não havendo a necessidade, com isto, de ambos estarem num mesmo espaço físico. Para o desenvolvimento desta atividade foi necessária a seriedade no cumprimento do planejamento proposto e a participação e o respeito aos cronogramas previamente definidos. Nesse sentido, torna-se evidente a preocupação com a qualidade do trabalho planejado e desenvolvido, independente da presença física do aluno com o professor (AHAD, 2015).

Nas plataformas desenvolvidas, existe a necessidade de se criar diversas ferramentas para fazer com que o aluno interaja constantemente com o ambiente, bem como com o tutor, tais como: Fórum, Sala de bate papo, *portfolio*, questionários, correio de mensagens, material de leitura, exercícios e outros. No papel de tutor, o professor atua como mediador, buscando a cada etapa desenvolvida pelo aluno, verificar que conteúdos foram efetivamente absorvidos. Nesse sentido, vale à pena destacar que nessa modalidade de ensino, um dos grandes problemas é relacionado à demora da resposta por

parte do professor-tutor, fator que contribui com a maior parte das desistências dos alunos neste modelo de ensino. O papel do tutor nessa modalidade de ensino é fundamental devendo saber lidar com os ritmos individuais diferentes de cada aluno e apropriar-se de novas TIC's (Tecnologias da informação e comunicação) (AHAD, 2015; BENTES in LITTO; FORMIGA, 2009).

Mudanças constantes vêm acontecendo numa sociedade em rede, por isto, para o EaD é fundamental que o AVA e os *softwares* educacionais estejam bem estruturados (SANTOS, 2015).Dentre estes ambientes destacam-se o *Moodle* e o *Second Life*, ferramentas importantes para a educação online devido a seus recursos e interfaces comunicacionais, agindo como aliados na relação tutor-aluno contribuindo para uma inter-relação a distância sem prejuízos (FREIRE, 2002).

O EaD deve configurar-se como um conjunto de mídias (impresso, audiovisual e informático) com conteúdos apresentados na forma dialógica e contextualizada. Tendo seu projeto político-pedagógico voltado também a orientar as escolhas quanto aos recursos didáticos necessários para devido fim (FLEMING & COELHO, 2005).

O constante aperfeiçoamento docente, não somente quanto aos conteúdos a serem ministrados, mas também quanto ao uso das novas ferramentas tecnológicas é vital para o sucesso dos modelos não presenciais. Tal fato enfraquece o argumento utilizado por muitos docentes de que o ensino à distância tende a gerar desemprego para professores. Ao contrário, abre uma nova frente de trabalho para aqueles que se mantém atualizados as novas tecnologias.

A utilização das redes sociais é uma importante ferramenta de interação entre o educador e o educando, o que contribui também para uma formação transdisciplinar que, sem dúvida, melhoraria de forma significativa a qualidade do ensino, sendo esta uma nova cultura docente com as tecnologias digitais e de informação, formando redes de integração no ensino, seja ele presencial ou não (KENSK, 2015).

É preciso que os docentes universitários sejam formados e assumam novas práticas e estratégias de ensino que possam fazer diferença na formação de professores para os novos tempos. Essa formação inclui, sobretudo, a incorporação de novos valores, os mesmos desejados para a atuação dos professores em salas de aula da Educação Básica. Se a função do professor universitário é a de formar docentes para esses novos tempos, eles devem ser os primeiros a adotar novas posturas profissionais mais coerentes com as necessidades educacionais da sociedade atual. Nesse sentido, o ponto mais frágil não está em seus conhecimentos, mas em suas atitudes e, sobretudo, nas didáticas e práticas que utilizam para ensinar. A urgência das mudanças englobam o uso de novas estratégias didáticas e, um ponto essencial, maior interação com os alunos e as realidades para as quais eles estão sendo formados (KENSKI, 2015).

A grande maioria dos profissionais do EaD utilizam apenas material impresso em suas atividades, que é importante e necessário mas não deve ser o único, o que acarretaria no risco de sua subutilização. É preciso preparar os docentes que tem interesse na utilização de outros recursos, principalmente os tecnológicos, porém não tem uma formação e qualificação necessária (FERNANDES & NUNES, 2014) o que levaria a evasão dos alunos, uma vez que estes não conseguem diferenciar os procedimentos instrucionais desenvolvidos nos cursos presenciais, como linguagem, carga horária, planejamento, objetivos, etc, o que é um importante fator de análise quando se discute a qualidade dos cursos à distância (AHAD, 2015; FERNANDES & NUNES, 2014; OLIVEIRA, 2015; KENSKI, 2015).

A Rede e-Tec Brasil (Rede Escola Técnica Aberta do Brasil), aponta o crescimento significativo do ensino à distância, tanto no que se refere a quantidade de alunos, quanto a qualidade dos cursos oferecidos, mostra que os cursos à distância tiveram um crescimento de quase 20 vezes no período compreendido de 2002 à 2009 e que no mesmo período o número de cursos de graduação nessa modalidade saiu de 46 para 844. Também destaca que a procura por cursos não presenciais cresceu de 40,7 mil matrículas para 838,1

mil, o que corresponde a um crescimento de 2.059% nesse período (DIÁRIO DO COMÉRCIO, 2011; FERNANDES & NUNES, 2014).

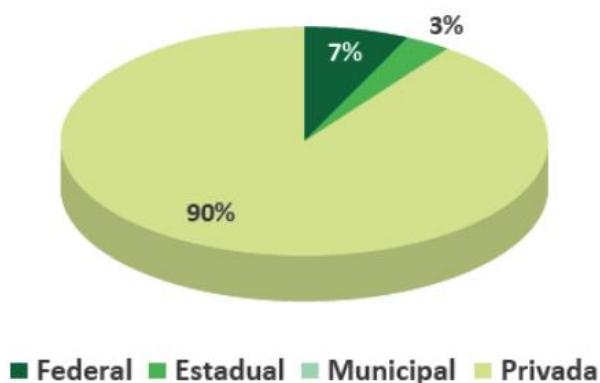
No cenário atual do Brasil, as Universidades Federais não são capazes de, conforme determina a Constituição, suprir a demanda de um ensino público superior, alguns aspectos como isolamento geográfico, dificuldades financeiras, falta de tempo, etc., também dificultam o acesso do estudante ao ensino superior o que faz do EaD uma promissora proposta para superar essa realidade desfavorável (COSTA, 2015).

Tendo em vista que o Brasil ainda figura entre as nações mais excludentes do mundo, em termos de acesso a educação, a modalidade de ensino a distância é uma realidade promissora que tem o desafio de combater esse cenário desfavorável (LITTO; FORMIGA, 2009).

A utilização dos cursos de modelo não presencial teve satisfatórios índices de eficácia no que diz respeito a inclusão dos estudantes de classes menos favorecidas da sociedade, podendo, com isto, ser uma poderosa ferramenta contra a dificuldade de acesso ao ensino, caso seja bem planejada e gerida e também que sejam utilizados os recursos tecnológicos adequados tendo sua qualidade, deste modo, equiparada aos cursos presenciais (OLIVEIRA, 2015; SÉCCA & LEAL, 2009).

Em 2014, no Brasil, conforme gráfico 8 abaixo, havia mais de 1,2 mil cursos à distância, o que equivale a uma participação superior a 15% das matrículas de graduação, um montante superior quando comparado a 2003 que era de apenas 52. Sendo as universidades as principais responsáveis (90%) por esta oferta, das quais a maioria provém de instituições privadas (cerca de 86%) (INEP, 2014).

**GRÁFICO 8:** Distribuição do número de matrículas em cursos de graduação a distância, por categoria Administrativa – Brasil - 2014



Fonte: Elaborado pela Deed/Inep com base nos dados do Censo da Educação Superior (2014).

## 4.2. A AVALIAÇÃO E OS INSTRUMENTOS DE MENSURAÇÃO EXISTENTES

Segundo Haydt (1998), medir é determinar a quantidade, o grau ou a extensão de alguma coisa, tomando como referência um sistema de unidades convencional. Logo, o resultado de uma medida é dado em números, daí sua objetividade e exatidão. A medida se refere sempre ao aspecto quantitativo do fenômeno a ser escrito. Avaliar é julgar tendo como base uma escala de valores. Assim, necessita de critérios muito bem definidos. Não é a mesma coisa que testar ou medir. Segundo Haydt (1998), a mensuração é basicamente um processo descritivo, pois consiste em descrever quantitativamente um fenômeno, enquanto a avaliação é um processo interpretativo, pois é um julgamento com base em padrões ou critérios.

A avaliação educacional, segundo Tyler (1973) consiste em verificar o que foi aprendido pelos estudantes, podendo também indicar se os objetivos do projeto pedagógico foram efetivamente atingidos. Na área acadêmica existem



diversos estudos e discussões sobre a avaliação, no que se refere a aprendizagem do aluno. Para Alves, (1994) a avaliação é um componente fundamental de qualquer processo educativo. Mais especificamente no contexto brasileiro, onde no caso do EAD, não existe um método ou modelo consolidado, tornando-se ainda mais importante.

Nesse estudo, porém, quando se faz referência a avaliação, busca-se verificar a qualidade das instituições de ensino, uma vez que com o crescimento da modalidade EAD, já bastante discutido neste estudo, cresce também o número de instituições que se propõem a prestar esse serviço a sociedade. A avaliação institucional deve incluir também fatores como custos, estrutura física, planejamento, organização, objetivos, necessidades, ética, política da instituição, sua imagem pública e as dimensões dos custos. Deve ainda apontar caminhos e ser suficiente consistente para servir como base na tomada de decisões e, portanto, servir de orientação à sociedade no momento de escolha da instituição a escolher, bem como permitir aos gestores verificar onde estão os problemas que necessitam de maiores cuidados e atenção.

Para oferecer cursos de graduação na modalidade EAD, as instituições públicas ou privadas necessitam de um credenciamento, através de um parecer do Conselho Nacional de Educação, homologado pelo Ministério da Educação. A questão é como é feito por parte dos órgãos governamentais o controle da qualidade dessas instituições de ensino, que vêm crescendo a cada dia.

A LDB/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação atribuiu ao Estado a função de avaliar a qualidade da educação. Com isso, o INEP ficou responsável nesse período pelo processo de avaliação da dos cursos e instituições, sendo então criado o Exame Nacional de Cursos (ENC) para verificar a qualidade da formação dos estudantes concluintes do ensino superior. Em 2004, instituiu-se o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES), com o propósito de diferenciar os processos de regulação e de avaliação.

O SINAES tem a finalidade de analisar os cursos, o desempenho acadêmico dos alunos e as instituições de ensino superior. Em seu processo de avaliação institucional, considera elementos importantes, entre eles, destaque a responsabilidade social, o corpo de professores, a gestão institucional, além do ensino, da pesquisa e da extensão. O SINAES também faz avaliações institucionais, e dos cursos, além de contar com as informações de um instrumento de desempenho dos estudantes, conhecido como Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE). Os resultados e as informações obtidas por eles servem como referencial para o estabelecimento de políticas públicas referentes ao setor de ensino e também servem para auxiliar a sociedade, principalmente os estudantes, como referência de qualidade dos cursos superiores e das instituições de ensino. Todos esses processos de avaliação do SINAES são supervisionados e coordenados pelo CONAES (Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior) e o processo de operacionalização fica sob a responsabilidade do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.)

O SINAES introduziu vários instrumentos, objetivando assegurar o caráter sistêmico da avaliação, a integração dos espaços, momentos e distintas etapas do processo, além da informação em torno de uma concepção global única da instituição avaliada, caracterizando-se por tomar a avaliação como instrumento de política educacional voltado à defesa da qualidade, da participação e da ética na educação superior. A regulação do sistema inclui o credenciamento e o credenciamento de instituições, além da autorização, do reconhecimento e da renovação de reconhecimento dos cursos. Estes se constituem em processos distintos da avaliação, embora tomem em conta os seus resultados.

Segundo o INEP-2007, os instrumentos principais que compõem o SINAES são:

A avaliação institucional – subdividida em auto-avaliação orientada e avaliação externa.

Avaliação de Cursos de Graduação (ACG) – têm como proposta verificar as instalações físicas da instituição, o perfil do corpo docente e a organização pedagógica.

Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) – exame que tem por objetivo mensurar os conhecimentos adquiridos pelos estudantes.

Até o momento, as avaliações já realizadas no país, seja de instituições, cursos ou estudantes (desde o ENC até o ENADE), mostram assimetrias regionais e institucionais, como a prevalência de bons resultados em IES das regiões Sul e Sudeste e em instituições públicas – em geral detentoras das melhores bibliotecas, laboratórios, qualificação docente, dentre outros aspectos relacionados à produção de conhecimento. Mas, independente da natureza administrativa, permanece a preocupação com o estabelecimento de critérios e procedimentos avaliativos capazes de assegurar, diante da necessária expansão da IES, a qualidade das atividades e processos formativos das IES. Dentre os desafios da avaliação, está a instituição de políticas de promoção de qualidade que permitam avançar na organização de um efetivo ‘sistema nacional’ de ES que articule os diferentes níveis de ensino (horizontal e verticalmente), o sistema federal e sistemas estaduais de educação, além de propiciar interação com outros países, por meio de critérios mínimos para equivalência.

#### **4.2.1. O ENADE**

O objetivo do ENADE é aferir o desempenho dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos e Suas habilidades para ajustamento às exigências decorrentes da evolução do conhecimento e suas competências

para compreender temas exteriores ao âmbito específico de sua profissão, ligados à realidade brasileira e mundial e a outras Áreas do Conhecimento.

Conforme o INEP, o ENADE tem por finalidade a melhoria da qualidade da educação superior, a orientação da expansão da sua oferta, o aumento permanente da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social.

Devem fazer o ENADE Estudantes Concluintes dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura e estudantes que tenham cumprido oitenta por cento ou mais da carga horária mínima do currículo do curso da IES até o dia de retificação.

Conforme a Portaria Inep nº 217 /2015, A prova tem a duração total de 4 (quatro) horas, tendo a avaliação do componente de Formação Geral comum aos cursos de todas as áreas e do componente específico de cada área. Na parte de formação geral, consta de 10 (dez) questões, sendo 2 (duas) discursivas e 08 (oito) de múltipla escolha, envolvendo situações-problema e estudos de casos. A parte de formação geral corresponde a 25% do total da prova, ficando os demais 75% para os componentes específicos, que tem como algumas das principais características verificar: a capacidade para compreender os contextos local, regional, nacional e global de forma sistêmica; a compreensão crítica e reflexiva do fenômeno organizacional em suas dimensões histórica, social, econômica, ambiental, política e cultural; a atuação proativa, flexível, criativa e inovadora frente aos desafios organizacionais; a atuação ética, com base em valores e em práticas sustentáveis e o compromisso com o auto-desenvolvimento, integrando teoria e prática. O ENADE é complementado por dois questionários, um com 67 questões, preenchido on-line pelo estudante e outro com 67 questões, preenchido on-line pelo coordenador do curso.

A questão é: será que este instrumento é capaz de mensurar, de forma verdadeira, os cursos e a formação dos estudantes? Face a todas as mudanças que precisam acontecer na educação, há de se pensar num novo perfil Universidade e de professores para atender a demanda dessa nova sociedade. Em vista do atual cenário da educação, do conflito entre as

gerações e da evolução tecnológica, faz-se necessário uma maior reflexão a respeito das metodologias educacionais e sem dúvida, a existência de novos métodos de avaliação da qualidade do ensino e das instituições são de suma importância para essa análise.

## 5 . RESPOSTAS DA PESQUISA

Nesta seção, segue as perguntas feitas aos profissionais envolvidos e as respostas que consideramos mais significativas e relevantes para este estudo, visto que diversas respostas foram similares.

Inicialmente, buscou-se identificar a instituição de ensino do entrevistado, a partir da pergunta 1:

### 1 - Em quais instituições de ensino superior você trabalha?

Como resposta, tivemos instituições dos grupos: **Estácio Participações S/A, KROTON Educacional S/A, GAEC EDUCAÇÃO S/A, SER Educacional S/A**. Além de universidades como: **UNIVERSO, IBMEC, ESPM, UNILASALLE, PUC** e instituições públicas como a **Universidade Federal Fluminense (UFF)** e a **Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)**, entre outras.

A partir das respostas obtidas, verificou-se que diversos profissionais atuam em mais de uma instituição de ensino superior, dentre mencionadas acima.

### 2 - Na sua instituição de ensino superior, existe alguma forma de mensurar o nível de qualidade dos cursos oferecidos na modalidade à distância e na modalidade presencial?

Verificou-se a partir das respostas obtidas, que nenhuma das instituições que participaram desse estudo possuem algum instrumento de

mensuração da qualidade dos cursos, e que o instrumento utilizado são os resultados do ENADE.

Duas das respostas, contudo, demonstram que algumas instituições buscam saídas alternativas:

- ✓ Não há uma sistematização direta de comparação entre as modalidades, o que é realizado é um comparativo debruçado sobre os índices mensuráveis, tais como CR e de provas de suficiência dos respectivos conselhos de classe (quando existem)

- ✓ Desconheço um sistema avaliativo comparativo, mas há, no próprio sistema interno da Universidade, um local destinado à avaliação Institucional (que inclui as disciplinas e cursos oferecidos) por parte dos técnicos, docentes e discentes.

### 3 - Você acha importante que existam instrumentos para mensurar a qualidade das instituições de ensino superior? Por quê?

Nessa questão, foi unânime pelos participantes do estudo, a necessidade de existência de outros instrumentos de mensuração da qualidade das instituições de ensino. Destaco algumas observações relevantes:

- ✓ Deve ser uma avaliação 360, ou seja, avaliada por todos os atores (direção, professores, desenvolvedores e alunos).

- ✓ É importante não avaliar somente a titulação dos docentes e a estrutura da universidade, mas a qualidade do aprendizado dos alunos.

✓ Os cursos presenciais e a distância apresentam metodologias diferentes e é importante compará-los para uma melhor análise dos resultados.

✓ Todo instrumento que busque atingir a mensuração da qualidade real em uma organização é sempre um poderoso mecanismo para tomada de decisão. No caso específico, seria necessário um estudo criterioso que pudesse fornecer os critérios para esta comparação, evidenciando bem as diferenças existentes entre as duas modalidades. Desta forma, poderiam ser aproximados fatores correlacionados e distanciados fatores com baixa ou nenhuma relação direta na medição entre as duas modalidades de ensino.

✓ Um sistema avaliativo é importante para que a instituição e os profissionais que nela atuam tenha um feedback sobre as ações desenvolvidas.

✓ Com certeza ter instrumentos de análise são importantes pra melhor avaliar nosso trabalho.

✓ Ter instrumentos de análise são importantes desde que existam critérios bem estabelecidos.

✓ Acho fundamental um instrumento confiável para a avaliação dos cursos, pois acho apenas o ENADE insuficiente.

✓ A partir da divulgação dos resultados desses instrumentos, fica mais fácil para o aluno escolher a instituição onde ele pretende estudar.

4 - Você considera que os cursos presenciais apresentam qualidade superior aos cursos a distância? Por quê?

Nessa pergunta, percebe-se divergências entre os pesquisados, destacando-se algumas importantes observações feitas:

✓ NÃO. Cada curso é um curso. Já fiz cursos presenciais muito fracos e outros ótimos a distância (e vice-versa)

✓ Creio que no geral NÃO, apesar de existirem muitos cursos à distância de má qualidade, que visam somente reduzir custos para o aluno .

✓ Nas Universidades sérias, ou seja, aquelas que não se preocupam somente com o lucro, a qualidade é tão boa quanto. Depende do esforço, dedicação e disciplina do aluno.

✓ Isso é relativo, já que abrangem territórios e públicos bastante distintos, não sendo possível uma comparação imediata e direta entre os dois.

✓ A qualidade é relativa ao modo como se desenvolve o processo de ensino-aprendizagem em ambas as modalidades. Uma relação professor-tutor e estudante bem estreitada, assim como entre os próprios estudantes, mediante a participação nos fóruns e nas atividades propostas pode proporcionar excelentes aprendizados, por exemplo (entendendo esta como uma entre as importantes interfaces da educação à distância). A educação presencial tem a prerrogativa da interação face-a-face, que permite um contato mais direto entre os atores do processo educativo, no entanto, a qualidade vai depender do contexto e das configurações em que esta relação se estabelece e se desenvolve.



✓ Acredito que não, embora alguns cursos com o intuito de reduzir custos perdem em qualidade de ensino outros mantêm a qualidade de ensino.

✓ Não considero os cursos presenciais superiores. O que vejo é que o modelo de ensino à distância precisa ainda de mais tempo. Ele está ainda em construção, contudo possui enorme potencial.

✓ Sim. Embora os Cursos à Distância tenham crescido bastante, acredito que os Presenciais ainda são superiores porque existe muita dificuldade para alunos terem disciplina suficiente para estudar

✓ Em alguns casos sim. Para mim, depende muito do curso e de como o curso é desenvolvido.

✓ Sim, no entanto acredito que em um futuro próximo esta realidade vai mudar. As instituições e os profissionais estão se qualificando e se aperfeiçoando nesta nova realidade.

✓ Não vejo diferença nas instituições que são sérias. O que ocorre é que infelizmente existem instituições, tanto presenciais quanto à distância, que visam somente o lucro e não se preocupam com a qualidade.

✓ Não, pois da mesma forma que existem cursos à distância que priorizam o lucro em detrimento da qualidade, existem instituições com cursos presenciais que também não tem nenhum comprometimento com a qualidade do aprendizado.

5. Em sua opinião ainda existe preconceito em relação aos cursos superiores na modalidade a distância? Por quê?

Nessa questão, a maior parte dos entrevistados considera que ainda existe preconceito quanto a modalidade à distância, e destacam diversos motivos:

✓ SIM. Por desconhecimento das boas instituições e por algumas outras que utilizam esta modalidade apenas para baixar custos

✓ Com certeza, principalmente no meio acadêmico. Imagino que isso se deva a cultura dessa geração de pesquisadores

✓ SIM, em virtude das universidades que mencionei na pergunta anterior, que não se preocupam com a qualidade, somente com os lucros

✓ Em grande parte sim, normalmente ainda há uma aderência maior em áreas onde não se tem o ensino presencial ou como último recurso do aluno caso ele não tenha opção por um curso presencial. Percebo que aos poucos este panorama está mudando, o paradigma da dificuldade e da baixa qualidade no ensino à distância vem caindo.

✓ O que ocorre é que há concepções diferenciadas e posicionamentos diversos que caracterizam maior aceitação - ou não - do desenvolvimento dessa modalidade. O que não significa que sejam preconceitos, mas conceitos desenvolvidos a partir de convicções advindas e atreladas a posicionamentos político-ideológicos que defendem ou são

contrários a se desenvolver processos de formação profissional em cursos à distância.

✓ Sim. Por uma questão cultural. Grande parte das pessoas entendem que é imperativo a presença do professor em sala. O modelo tradicional ainda está muito “arraigado” na mentalidade dos alunos.

✓ Não diria preconceito, mas apenas uma facilidade maior de acesso o que de certa forma pode ser entendido como uma formação menos eficiente em relação aos presenciais

✓ Sim. Por falta de conhecimento sobre a dinâmica dos cursos

✓ Sim, acredito que por conta da falta de conhecimento e por conta do despreparo de algumas instituições.

✓ Vejo que existe um conflito de gerações. Os jovens não vêem os cursos na modalidade à distância como inferiores, pois já nasceram utilizando instrumentos tecnológicos na educação, já os estudantes que não são da geração digital, ainda vêem o ensino tradicional como de melhor qualidade. Creio que com o passar do tempo, não haverá mais distinção entre as duas modalidades.

✓ Acredito que a resistência de muitos aos cursos à distância seja reflexo da rejeição que ainda existe ao uso de tecnologias no ensino

6 - O ENADE é um exame que busca verificar a qualidade dos cursos. Você acha que ele é eficaz? Qual a sua opinião sobre ele.

Nesse item, verifica-se que o ENADE não é um instrumento eficaz para a mensuração da qualidade dos cursos EAD, necessitando de melhorias e/ou da criação de novos instrumentos, conforme os relatos abaixo:

✓ NÃO. Se o diploma do aluno dependesse de uma performance (nota mínima), tudo bem. Mas, como não é o caso, a IES é a única que sofre.

✓ Claro que NÃO. O Enade é uma falácia, não mede absolutamente nada...

✓ NÃO. Na minha opinião não faz sentido a forma como o ENADE faz a seleção dos alunos e muito menos o critério de elaboração de provas.

✓ Ao se considerar que o ENADE é realizado sobre as diretrizes curriculares nacionais dos cursos e preparado por profissionais das respectivas áreas, considero sim uma importante ferramenta para medição. Contudo, há de se repensar alguns itens, principalmente no que diz respeito às regionalidades.

✓ Parcialmente. De acordo com o que se tem desenvolvido nesse sentido, em amplo contexto, a avaliação acaba por se tornar uma mensuração que tende a refletir aspectos quantitativos para além dos qualitativos. Por muitas vezes, se repercute de maneira a enfatizar aspectos voltados para a concepção produtivista, prejudicando a visão do todo da instituição. No entanto,

vale reconhecer que, em outros aspectos, promove ou provoca - em alguns casos, a partir das exigências estabelecidas - a necessidade de se atender requisitos que atuem, por exemplo, frente à melhoria da infraestrutura institucional, o que tende a trazer melhorias para o processo de formação profissional.

✓ Não. O Enade não mede absolutamente nada, uma vez que depende não só do nível de conhecimento do aluno, mas principalmente, do comprometimento do mesmo

✓ Acho o ENADE importante, contudo entendo que ainda se faz necessária algumas adaptações as diversas realidades presentes nos diversos cursos.

✓ Penso que ele tenta buscar medir a qualidade dos cursos mas não é muito eficaz porque seria necessário que houvesse uma preocupação maior sobre a conscientização dos acadêmicos sobre a importância do exame.

✓ Em parte. Acredito que ele pode fornecer informações sobre o nível de conhecimento dos discentes que estão concluindo os cursos, mas em alguns casos as condições (local, ambiente, período, etc) podem influenciar no desempenhos desses discentes.

✓ Em minha opinião não é eficaz, e o ponto principal seria a falta de conscientização da importância desta medida de avaliação. Muitos nem lêem o que se pede nas questões, e respondem de qualquer maneira.

✓ Em parte sim, mas acho que deveria existir outros instrumentos de avaliação das instituições e dos cursos, para uma análise mais confiável.

✓ Acho que a avaliação do ENADE não engloba todos os aspectos que devem ser analisados para uma mensuração confiável da qualidade das instituições e dos cursos.

7 - Que sugestões você daria para desenvolver um modelo de avaliação da qualidade das instituições de ensino superior.

✓ Ter um número limitado de alunos por turma, tutoria ativa (e não sob demanda), avaliação de materiais didáticos

✓ Não sei dizer ao certo, mas com certeza a reformulação do atual SINAES já seria um grande avanço.

✓ Deveria ser do mesmo modo que os estudantes de direito fazem a prova da OAB. Assim as Universidades e os alunos levariam mais a sério.

✓ Analisar o contexto setorial de cada curso e suas especificidades e confeccionar um documento base com itens e critérios de avaliações que levem em consideração a regionalidade, os requisitos mínimos e cada um dos pontos principais de avaliação, ligando este documento ao sistema nacional de avaliação do ensino superior e correlacionando seus agentes principais.

✓ É de fundamental importância ouvir todos os indivíduos inseridos no contexto da instituição para que se

obtenha uma visão mais global do perfil, das necessidades e das prerrogativas que a mesma apresenta.

✓ A construção do instrumento de avaliação também deve ser desenvolvido de maneira coletiva, abarcando os vários atores sociais inseridos no contexto a ser avaliado. De igual maneira, deve se estar atento às especificidades e particularidades das instituições, frente à diversidade de perfis em que se configuram.

✓ Não sei dizer ao certo. Acredito que para desenvolvimento de um modelo de avaliação de ensino deve-se ter a contribuição de todos os indivíduos inseridos neste contexto, para só então, identificar as variáveis que deverão ser mensuradas por tal instrumento.

✓ Penso que além de todo aparato desenvolvido para buscar medir a qualidade do ensino superior, na verdade deveria haver também uma certa preocupação para com o nível de qualificação dos acadêmicos que entram na Universidade e de que forma eles se desenvolveram no final do curso.

✓ Acho que deveria haver uma pesquisa em grande proporção, com todos os envolvidos no assunto, tanto alunos e professores quanto gestores e diretores de instituições de ensino, para obtenção de critérios mais amplos para um modelo de mensuração confiável e satisfatório.

✓ Creio que os estudantes de graduação deveriam fazer provas para avaliar a sua formação da

mesma forma como é feito com os estudantes do curso de direito, que fazem o exame da OAB.

✓ Acredito que o Enade deveria ser reformulado para atender adequadamente a sua função, que na minha opinião não está sendo desenvolvida a contento.

## 5.1. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Todos os entrevistados neste estudo (100%), relataram que não há em suas instituições de ensino superior instrumentos normatizados de mensuração do nível de qualidade dos cursos oferecidos na modalidade à distância e na modalidade presencial. Apenas duas instituições deixam um tempo dentro de suas reuniões periódicas para a discussão desse tema, sem, contudo, se utilizar de nenhum instrumento de mensuração. Também a totalidade dos entrevistados (100%) afirmam que é importante que as instituições de ensino superior tenham instrumentos para mensurar a qualidade de seus cursos bem como das instituições.

Dentre os participantes da pesquisa, verifica-se que a maior parte não considera que os cursos presenciais possuem melhor qualidade em relação aos cursos à distância. Porém, existe uma parcela representativa que consideram o curso presencial de melhor qualidade e há ainda um pequeno grupo que acredita que depende de uma série de fatores, dentre eles está o preconceito em relação aos cursos de EAD.

Sem dúvida, podemos perceber que já houve grandes e significativas mudanças na educação superior a distância no Brasil, tanto em relação a sua estrutura quanto em relação as metodologias e procedimentos. Mesmo assim, ainda temos por parte de um grupo de professores e gestores educacionais uma considerável rejeição a essa modalidade de ensino, considerado por eles



de segunda categoria, destinado apenas a pessoas que não possam ter acesso a um curso presencial. Ao invés de perceberem a amplitude social do ensino a distância e buscarem ampliar as condições para seu estabelecimento mais efetivo, limitam-se a suprimi-lo como alternativa válida para o ensino superior. Felizmente esse preconceito por parte de acadêmicos vem diminuindo e a modalidade vem ganhando adesões de profissionais, pesquisadores e instituições de renome, fazendo com que a modalidade cresça não somente em quantidade, mas também em qualidade.

Sobre esse preconceito descrito acima, quando buscamos conhecer um pouco do perfil das gerações envolvidas no processo de aprendizagem podemos entender um pouco melhor a certa “rejeição” de alguns profissionais e estudantes no uso das tecnologias educacionais e em especial aos cursos à distância, conforme visto no capítulo 4 deste estudo.

Também evidenciou-se na pesquisa que a maioria dos pesquisados considera que o ENADE não é eficaz no que se refere a mensuração das instituições e dos cursos. Diversos fatores são necessários para o desenvolvimento da qualidade dos cursos e disciplinas *on-line*, dentre eles destaque: a estrutura administrativa, mudanças organizacionais, interação social, acesso ao curso com qualidade e serviços permanentes de apoio aos estudantes, que costumam se sentir isolados, quando atuam nesses novos ambientes sem a comunicação e interação com os demais participantes e a ausência de um professor que possa sanar as dúvidas e dar orientações iniciais sobre como agir, e o que fazer. O fortalecimento de uma formação acadêmica de alto nível depende da convergência entre todos os participantes do processo educativo, independente da modalidade de ensino. Os alunos do EAD precisam ser integrados nos projetos de pesquisa dos cursos presenciais, bem como as ferramentas tecnológicas utilizadas pelos alunos do EAD podem ser desenvolvidas junto aos alunos dos cursos presenciais, criando assim um ambiente de integração e fazendo com que o ensino meramente conteudista, fundamentado somente na oralidade, possa se utilizar das riquezas que o mundo tecnológico pode oferecer.

A questão é que para que tudo isso ocorra, não basta somente a expansão do EAD, mas uma expansão com qualidade. Entre a sala de aula e os laboratórios de informática existe um abismo que compromete a qualidade do ensino e da aprendizagem. Diversos educadores e estudiosos no assunto questionam se os chamados “ambientes virtuais de aprendizagem” são capazes de oferecer ao estudante uma formação de qualidade.

Diante de tudo isso, é indiscutível que a educação tem que se adaptar aos novos tempos. A necessidade de inovação e investimento em novas tecnologias é um caminho sem volta. A tecnologia anda tão rápido que os professores e as instituições de ensino que não se atualizarem a tempo poderão estar fora do mercado em menos de dez anos. Hoje nossos alunos estão muito à frente de nós no uso das tecnologias. Precisamos aprender com eles. Mais do que isso, é fundamental investir em profissionais qualificados e fazer com que essa qualificação se transforme em retorno.

As mudanças, sejam elas de grande ou pequena proporção são sempre difíceis de serem implementadas, principalmente quando elas se relacionam a comportamentos já a muito tempo enraizados no cenário educacional, em especial nas universidades. A partir das observações feitas pelos profissionais envolvidos diretamente no processo educacional (professores e gestores) que participaram desta pesquisa e pela reflexão de diversos autores que descerram sobre o tema e corroborados por reflexões do Conselho Nacional de Educação, percebe-se a necessidade de maiores debates e discussões sobre o tema proposto, que será sem dúvida, imprescindível para o desenvolvimento de uma educação superior de qualidade no Brasil. Diversificar os sistemas de ensino, objetivando sua maior amplitude, estimular o crescimento e o desenvolvimento dos cursos superiores EAD, e elaboração de um programa de avaliação da qualidade da educação superior, que seja efetivamente confiável é imprescindível.

## 5.2 . CONCLUSÃO

A qualidade dos cursos on-line dependem de diversos fatores. É necessária a interação entre alunos e professor, que deve fazer o papel de supervisor do processo educativo, orientando os estudantes para a aprendizagem com autonomia e o envolvimento colaborativo. Assim, os estudantes aprendem mais do que os conteúdos previstos.

Além de extinguir o preconceito, existe outro objetivo maior a ser alcançado, que é conseguir a convergência entre as modalidades de ensino presencial e a distância, que não são antagônicas e podem ser integradas desde que sejam respeitadas as especificidades de cada uma delas. Em ambos existe a presença do professor e do aluno e o processo de ensino-aprendizagem. Práticas e metodologias podem ser compartilhadas, de modo a enriquecer o aprendizado de ambos os modelos, sendo mediadas pelos instrumentos tecnológicos a serviço da educação. É possível iniciar a flexibilização curricular e melhorar a integração entre docentes, aumentando a colaboração entre os participantes das duas modalidades de ensino.

Considerando o que foi relatado nesta pesquisa, demonstra-se que a modalidade de ensino superior a distância, o EAD está no Brasil, em plena expansão e que é, sem dúvida alguma, uma alternativa que visa aumentar o acesso da educação superior e melhorar a qualidade da educação no país, permitir acesso à educação sem perda da qualidade, com possibilidade de realização de sonhos e de melhoria da qualidade de vida e favorecendo o desenvolvimento de características como a disciplina, a melhor capacidade de organização e maior capacidade de leitura e escrita, que o preparam para uma atuação mais efetiva no mercado de trabalho.

Com relação à elevação da qualidade da educação superior, tanto presencial quanto a distância, e considerando o exposto nesta pesquisa, conclui-se que seja necessária uma maior discussão junto aos profissionais e

pesquisadores envolvidos junto aos órgãos governamentais, de modo a reestruturar os instrumentos de avaliação da qualidade da educação superior existentes, principalmente na modalidade a distância e criar novos instrumentos capazes de mensurar de forma mais confiável a qualidade da formação dos estudantes, cursos e instituições de ensino superior no País.

Esta pesquisa apresenta um apanhado de contribuições de teóricos, uma análise de professores e gestores de instituições de ensino superior, e sugestões aos interessados no assunto, bem como aos responsáveis por políticas públicas de educação, visando a criação de novos instrumentos de mensuração da qualidade das instituições de ensino superior no país. Esperamos que elas possam ser úteis e sirvam para contribuir com o crescimento e a qualidade da educação superior no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, João Roberto Moreira. **A educação a distância no Brasil: Síntese histórica e perspectivas**. Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, 1994

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BENTES, R. F. **A avaliação do tutor**. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BERNARDO, V. **Educação à distância: fundamentos**. Universidade Federal de São Paulo UNIFESP. 2009.

ESTEFENON, S. G. B. **Tecnologia Digital**. In: ESTEFENON, S. G. B.,

EISENSTEIN, E. (Org.) **Geração digital: riscos e benefícios das novas tecnologias para crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: Viera & Lent, 2008.

FLEMING, D. M.; FLEMING, E.; COELHO, C. **Desenvolvimento de material didático para educação a distância no contexto da educação matemática**. Associação brasileira de educação a distância - Abed, 2005.

FLICK, Vive. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, F.M.P.; Rocha, H. V. da (2002). **Formação em Serviço (a Distância) de Profissionais de Educação**". Anais do VI Congresso Iberoamericano de Informática Educativa (IE2002), 20 a 22 de novembro de 2002, Vigo, Espanha.

HAYDT, R. C. C. **Atividades Lúdicas na educação**. São Paulo: Ática. 1998.

HOLMBERG, Borje (1985). **Educacion a distancia: situacion y perspectivas**. Buenos Aires: Editorial Kapeluz

KEEGAN, D. **Foundations of distance education**. London: Routledge, 1996

KENSKI, Vani, **Memórias e formação de professores: interfaces com as novas tecnologias de comunicação**. In: CATANI, D. et al. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: 1997.

LEVIN, Jack.. **Estatística Aplicada a Ciências Humanas** 2ª. Ed. São Paulo: Editora Harbra Ltda, 1987.

MAIA, Carmem. MATTAR, João. **ABC da EaD**. São Paulo: Pearson, 2007.

MINAYO, M. C. **Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

MOORE, M.G., KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo. Cengage Learning, 2008.

NUNES, C. "**Prioridade número um para a educação popular**". In: TEIXEIRA, A. **Educação não é privilégio**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

TYLER, R. **Principios Básicos del Cuirriculum**. Buenos Aires: Ed. Troquel, 1973.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HAD, A.M.A.; ROCHA, J.A.; COSTA, A.T.G. **Inserção da EaD no ensino superior da cidade de Passos: uma experiência vanguardista**. 2015.

ALVES, L., **Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro, 2011.

BALLALA, Roberto. **Educação à Distância**. Niterói: GRAFACEN Editora, 1991.

BARBA, Carme. **Computadores em sala de aula: métodos e usos**. tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Paulo Gileno Gysneiros.— Porto Alegre: Penso, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria Executiva Adjunta. **CONAE 2010**. Documento Final. Brasília: MEC, 2010.

BUCKINGHAM, David. **Aprendizagem e cultura digital**. Ano XI, n. 44. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CAPELATO, R.; MORELLI, K. C. SEMESP, **Mapa do Ensino Superior no Brasil** Estatística Convergência Comunicação Estratégica Coordenação Editorial Ana Purchio Texto e Edição Icongraphics Projeto Gráfico e Diagramação 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: A era da informação: economia, sociedade e cultura. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CAVALCANTI, Marcos; NEPOMUCENO, Carlos. **O conhecimento em rede**. Como implantar projeto de inteligência coletiva. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

EISENSTEIN, Evelyn; Estefenon, Susana. **Geração digital: riscos e benefícios das novas tecnologias para as crianças e os adolescentes**. (orgs.). — Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2008.

FERNANDES, A.; NUNES, R.C. **A utilização de materiais didáticos em cursos de educação a distância**. Florianópolis, 2014.

FERREIRA, M.; CARNEIRO, T.C.J. **A institucionalização da Educação a Distância no Ensino Superior Público Brasileiro: análise do Sistema Universidade Aberta do Brasil**, 2015.

BOLZANO, Sônia (org.). **O desafio da profissionalização docente no Brasil e na América latina**. Brasília: Edições Unesco, 2007.

GOMES, Alírio. Novas tecnologias: inovar com sabedoria. **Integração**, Rio de Janeiro, 2012.

JUAN E. **Pode a Educação à distância ajudar a resolver os problemas educacionais no Brasil?**. Rio de Janeiro: Tecnologia Educacional, 1988.

KENSKI, V.M. **A urgência de propostas inovadoras para a formação de professores para todos os níveis de ensino**, Curitiba, 2015.

KENSHI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

LAGUNA, Fernanda. **Aprender a ensinar através da interação**. Integração, Rio de Janeiro, 2012.

LEITE, Lígia. **Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo.** In: FREIRE, Wendel (Org.). **Tecnologia e educação: as mídias na prática docente.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

LIMA, D. C. B. P. Projeto CNE/UNESCO 914BRZ1142.3 - **Desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma educação nacional de qualidade - educação a distância na educação superior**, MEC/CNE, abr. 2014.

LUCENA, Simone de. **A internet como espaço de construção do conhecimento.** In: ALVES, L.R.G.; NOVA, C.C. **Educação e tecnologias: trilhando caminhos.** Salvador: Editora da UNEB, 2003.

MACHADO, Juana Maria. **Tecnologias para transformar a educação** [ET AL.]; tradução Valério Campos. — Porto Alegre: Artmed, 2006..

MARTINS, L.B; ZERBINI, T. **Evidências de validade de instrumentos de reações no ensino superior à distância.** Rio de Janeiro, 2015.

Ministério da Ciência e Tecnologia – **Livro Verde.** Sociedade da Informação no Brasil. Brasília: Mct. 2000.

MUGNOL, M. **A Educação a distância no Brasil: conceitos e fundamentos.** Curitiba: Rev. Diálogo Educ. 2009.

NISKIER, A. **Educação Brasileira: 500 Anos de história.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Melhoramentos.

OLIVEIRA, J.B.A. **Perspectiva da Tecnologia Educacional.** 1ª Edição. São Paulo: 1977. Editora Pioneira.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

RITTO, Antonio Carlos de Azevedo. **A Caminho da Escola Virtual.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: 1995. Editora Consultar.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999..

SANCHO, Juana Maria; HÉRNANDEZ, Fernando. **Tecnologias para transformar a educação.** Porto Alegre: Artmed, 2006..

SANTOS, Edméa. Tecnologia educacional e capacitação continuada de professores. In: **40º Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional – ABT**, 40. Rio de Janeiro, RJ. 2008.

SANTOS, K.H.A, **Educação a distância: O desafio do professor em meio às novas tecnologias da informação.** Distrito Federal, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI.** No loop da montanha russa. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 140 p.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** 4 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

SPELLER, P.; ROBL, F.; MENEGHEL, S. M. **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década**. Brasília : UNESCO, CNE, MEC, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TEDESCO, Juan (org.). **Educação e Novas Tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez, UNESCO, 2004.

VEEN, Win; VRAKKING, Bem. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

#### **Manuais consultados:**

- Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior – SEMESP 2015
- Relatório Hoper Educação – 2015
- Censo da Educação Superior - 2015